

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Aline da Silva Buttura

A vivência da adolescência nos anos 70 e nos dias
atuais – Uma análise dos sentidos em cada época.

São Paulo
2012

Aline da Silva Buttura

A vivência da adolescência nos anos 70 e nos dias atuais – Uma análise dos sentidos em cada época.

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Plínio de A. Maciel Jr.

São Paulo
2012

À Deus, minha família, namorado
e amigos...

Agradecimentos

Sempre que leio os agradecimentos de outros trabalhos imagino o que eu escreveria no meu. É chegada a hora de agradecer a todos aqueles que me apoiaram durante esta jornada.

Agradeço a Deus, por me dar forças e guiar durante todo esse caminho.

Agradeço a minha mãe que durante todo o tempo foi meu maior exemplo, que me apoiou e deu todo amor, carinho e colo, e que sempre acolheu minhas dúvidas, medos e inseguranças.

À minha avó, pelos carinhos, conselhos e mimos de sempre.

Ao meu pai que me ensinou a persistir e vibrou como cada conquista.

Ao meu namorado pelo amor, carinho e apoio incondicional em todos os momentos desta jornada.

Aos amigos sempre presentes, Marcos Antonio, Renata Morales e Paula Regina, pela amizade carinho, broncas e acolhimento nos bons e maus momentos, das melhores risadas e maiores carinhos.

Ao meu orientador, Plínio Maciel Jr, por todos os conselhos, direção, empolgação e amizade durante todo o processo de realização do trabalho.

Às amigas que me apóiam em todos os momentos, principalmente nos de desânimo e cansaço, Mariana Ottolia, Laura Furine, Thais Alves e Juliana Ribeiro.

Aos meus sogros e cunhados, pelo carinho, apoio e gargalhadas.

A todos os professores e colegas que de alguma forma contribuíram para meu crescimento e formação.

Muito obrigada!

A vivência da adolescência nos anos 70 e nos dias atuais – Uma análise dos sentidos em cada época.

Aline da Silva Buttura

Orientação: Prof. Dr. Plínio de A. Maciel Jr

2012

Resumo

A presente pesquisa teve por objetivo compreender os sentidos atribuídos à vivência da adolescência pelas pessoas que a experimentaram na década de 70 do século XX e pelos adolescentes do presente. Tratou-se de um estudo descritivo-qualitativo, próprio do método fenomenológico, no qual o foco de atenção foi a narração que os entrevistados fizeram sobre suas experiências: como eles relataram, o que priorizaram em seus relatos e que considerações fizeram a respeito das próprias vivências da adolescência. Como estratégia metodológica, foram realizadas duas entrevistas semi-dirigidas com cada participante, sendo que o uso da segunda visou favorecer, tanto ao entrevistador quanto ao participante, a retomada de aspectos da primeira entrevista com vistas ao entendimento ou à complementação de informações que pudessem contribuir para uma melhor compreensão das vivências analisadas posteriormente. Os participantes do estudo foram um homem e uma mulher na faixa etária entre 45 e 55 anos que viveram a adolescência na década de 70, e outros dois adolescentes, uma moça e um rapaz com idades entre 17 e 18 anos. O conteúdo das entrevistas foi submetido à análise das unidades de significação própria do método fenomenológico. Como resultado, foi possível avaliar que as vivências da adolescência não se apresentam tão diferentes umas das outras. Os jovens das diferentes épocas passam por momentos semelhantes de angústia, pressão, mudança de sentimentos e incertezas. Porém, sob o contexto político destas vivências, os dois momentos da adolescência tornam-se muito distintos. No passado, a censura política e ideológica fazia com que nem todos tivessem acesso ao que era produzido, já hoje em dia o acesso a qualquer tipo de produção cultural é livre, dando a possibilidade para o jovem conhecer aquilo que mais lhe interessa.

Palavras-chave: Adolescência, sentidos da vivência, Fenomenologia, Psicologia.

Sumário

1. Introdução.....	01
2. Objetivo.....	05
3. Fenomenologia e Adolescência.....	06
4. Contexto Histórico.....	10
4.1 Década de 70.....	10
4.2. Anos 2000.....	12
5. Método.....	15
6. Análise das Entrevistas.....	18
7. Considerações finais.....	27
8. Referências Bibliográficas.....	29
9. Anexos.....	31

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2005), a adolescência é definida pela idade, ou seja, refere-se ao indivíduo que se encontra entre os dez e vinte anos de idade, vivenciando neste processo o fim da infância, a adolescência e a transição para o início da vida adulta. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 2010) designa a adolescência como a fase entre os doze e dezoito anos de idade. A concepção de adolescência passa por transformações, pois hoje em dia ela pode ser vista como uma fase que não tem data ou período certo para acabar:

“Mais recentemente, surgiu o termo grups, neologismo que condensa a expressão grown up, que, em inglês, quer dizer crescidos ou adultos. Esse termo foi cunhado pelos americanos para designar o fenômeno da unificação das gerações no estilo, no comportamento e no “gosto pela vida”, colocando na mesma geração adultos dos 20 aos 70 anos”. (Cezimbra, 2006, p.1)

Quem são os indivíduos que hoje vivem sua maturidade e podem estar passando por este processo de Grown Up?

São os pais/avós que vivem novos tempos e muitas mudanças. Mudanças estas que lhes permitem fazer parte de um mesmo grupo que consome e se interessa por assuntos semelhantes, roupas e lugares. Desta forma, os adultos de hoje vivem juntamente com os seus filhos a adolescência, vivência essa que deixa de ser um sintoma de não querer envelhecer e passa a ser uma nova forma de encarar a vida.

Segundo Cezimbra (2006), durante a adolescência dos filhos e netos, os pais e avós consideram-se ainda muito jovens, mas não deixam de lado suas responsabilidades; são presentes e pensam muito na educação e formação dos filhos, mas não estão dispostos a deixar de “aproveitar a vida”, ao contrário do que seus pais e avós fizeram para cuidar dos filhos e netos.

Observa-se, portanto, que a cultura tem grande influência na vida destes adolescentes. A novidade proposta pela autora é que o que faz parte da “moda” fará parte de uma época que será vivida, mesmo que seja por alguns meses ou semanas, e assim, caracterizará um período. Antigamente, os períodos de “moda” duravam um tempo maior e estas influências caracterizavam a época. Hoje, temos uma moda mais rápida, instantânea, que perde sua validade pouco tempo depois, fazendo com que os jovens vivam o momento presente com muita rapidez e sejam instados a assimilar as novidades e a se desenvolver junto com elas:

“O processo de adolescência muitas vezes é visto como o momento da crise, onde tudo parece confuso e novo, há uma mescla entre ser adolescente e começar a ser adulto. Esta mescla faz com que o processo de amadurecimento apareça como divisor de águas, como agir, o que fazer e como entender este novo período que se inicia, e como citado acima cada vez mais se estende.” (Pereira, 2005, p.32)

Com base nestas considerações, cabe perguntar como foram as vivências das pessoas que passaram pela adolescência na década de 70? Muitas delas concebem a adolescência de hoje como muito diferente daquela que elas próprias viveram. A partir de que parâmetros elas fazem esta avaliação?

Segundo Bahiana (2006), quem viveu os anos 70 no Brasil passou por experiências entre o triunfo do corpo e o terror político. Muito desse relato está presente em diversas conversas e histórias relatadas por aqueles que viveram essa época intensamente. Sobreviver ao terror político, ver nascer o tropicalismo, poder usar roupas com tecidos sintéticos, sapatos de plataforma, vivenciar o lançamento da cerveja em lata e tantos outros acontecimentos que para nós fazem parte da história do país, ou seja, vistos apenas como acontecimentos comuns, para eles é parte do relato de suas histórias de vida.

Ao fazer análise dos sentidos vividos por adolescentes na década de setenta podemos conhecer como para cada um deles foi essa vivência e se existe grande diferença da adolescência de hoje em dia, ou se elas têm características muito mais próximas do que imaginamos.

Além de representar a transição da infância para a fase adulta, a adolescência também se caracteriza por ser uma época na qual os indivíduos se separam de seus pais, ou seja, começam a encarar a vida a partir de suas próprias perspectivas e vontades. Quando se pensa na adolescência a partir do referencial fenomenológico:

“Apesar da ausência de teorias que apresentem uma reflexão fenomenológica do processo de adolescer, vimos o quanto o método fenomenológico pode ser um valioso caminho para a compreensão da vivência desses sujeitos, já que buscáramos o sentido que os próprios adolescentes atribuem à sua experiência.” (Santos, 2009, p. 02)

Desta forma, o indivíduo “é chamado” a se apropriar e a conhecer suas vontades, sonhos, ideias e desejos, ou seja, ele deve passar a “ser para a

adolescência”, para viver esta fase e apropriar-se dos sentidos e aprendizados que vêm com ela.

Para os adolescentes, a relação interpessoal torna-se muito importante e os amigos aparecem como detentores da realidade e das melhores relações. Nesta época fica evidente que o jovem se apoia nos amigos e se afasta das relações familiares, pela necessidade de se afirmar e encontrar seus pontos de equilíbrio fora deste contexto:

“No reconhecimento interpessoal, os limites da identificação são assegurados pela revelação da alteridade. A delimitação do eu apoia-se ao esbarrar com o não-eu. (Augras,1986, p. 21)

O não-eu evidencia-se na relação menos estreita com a família e mais aberta com os amigos; procura-se encontrar o eu e as relações que este *eu* adolescente vai ter a partir de então.

Desta forma, pode-se entender que a adolescência é uma fase muito importante para o desenvolvimento e crescimento de qualquer pessoa, pois é o momento onde cada um se afirma e se assegura de que sua identidade está formada e pode, a partir de agora, se apropriar de novas situações e problemas.

Assim, o estudo da adolescência sob a perspectiva fenomenológica pode nos ajudar a entender um pouco mais este fenômeno e saber quais os sentidos vividos por adolescentes nas diferentes épocas abordadas.

A escolha deste tema está ligada primeiramente à minha paixão pela música de todas as épocas e às modificações culturais que nelas aconteceram. Sempre gostei de escutar as músicas que fizeram parte da adolescência dos meus pais. A partir disso surgiu o interesse de entender melhor como foi esse período na vida das pessoas da geração deles. Estive presente numa festa dos anos 70, onde a maior parte dos convidados tinha idades entre 40 e 50 anos, e em alguns momentos observei como alguns ficaram visivelmente emocionados ao ouvirem as músicas da época, lembrarem passos de dança e, acima de tudo, momentos vividos na adolescência. Assim, no momento da escolha do tema para confecção deste projeto de TCC, decidi transformar meu interesse em um problema de investigação, buscando comparar os sentidos atribuídos pelos jovens de hoje à vivência de suas adolescências com a dos jovens dos anos 70 do século XX, a geração dos pais

destes jovens contemporâneos. No entanto, quando realizei o levantamento da bibliografia sobre o tema no âmbito da Fenomenologia, tive grandes dificuldades em encontrar os artigos. Dessa forma, a pesquisa terá caráter exploratório.

Esse trabalho pode contribuir para conhecermos as diferenças e semelhanças existentes entre a adolescência da década de 70 e a adolescência vivida nos dias de hoje, sob os pontos de vista daqueles que a experimentaram no passado e daqueles que a experimentam atualmente.

2. Objetivo

Esta pesquisa teve como objetivo compreender os sentidos da vivência da própria adolescência na perspectiva de pessoas que a experimentaram na década de 70 do século XX e compará-los com os sentidos da vivência dos adolescentes de hoje em dia à luz da Fenomenologia.

3. Fenomenologia e a adolescência

No século XIX, a literatura e os grandes filósofos não se detinham nos assuntos relacionados à adolescência e no modo como os adultos lidavam com estes adolescentes. Eles tinham dificuldade de fazer com que todo o conhecimento que possuíam sobre pedagogia, literatura e artes pudesse ser aplicado no que estava relacionado às crianças; tudo que era publicado ficava distante ou era impossível de ser aplicado a elas.

A adolescência aparece como assunto ausente no discurso de muitos filósofos até o Século XVII, quando o filósofo francês Jean-Jacques Rousseau publicou “Émile”, primeira obra voltada para o tema da adolescência.

Para Rousseau, a fase da adolescência é o momento em que a criança começa a “ficar”¹ adulto, ou seja, para ele o período da adolescência não é reconhecido como um momento onde cada uma das crianças passa por essa mudança. Ele descreve esse período como um período de “breve crise”:

“[...] Neste período, a criança não é muito acessível aos adultos, comporta-se mal, rebela-se, é, em suma ineducável. Deve-se, todavia, lembrar que tudo isso é da maior importância: a criança está ficando adulto; depois dessa crise, nada, de tudo quanto é humano, lhe é alheio[...].”
(Rousseau apud Berg, 1965 p. 69)

Para a Fenomenologia, a crise descrita acima por Rousseau não é uma breve crise e sim um momento que pode durar anos e que não está ligado apenas a uma mudança biológica, fator que hoje em dia nos diferencia, mas que para Rousseau era apenas um fator comum, que não influenciava na mudança de tratamento ou pensamento. A mudança acontece pela forma como os adolescentes passam a vivenciar as experiências: deixam de entender e compreender tudo como crianças que eram e passam a entendê-las de um lugar que fica em meio à vida adulta e a posição já abandonada de criança. Um conto do livro “Descobrimo a si mesmo: a passagem para a adolescência”, de Perosa (1995), retrata a história de Ana, que via em suas bonecas suas melhores amigas, seres vivos, que faziam parte de seu dia a dia. Elas brincavam juntas e compartilhavam as situações imaginadas por ela. No trecho a seguir podemos ver claramente a mudança de Ana em relação às suas bonecas:

¹ A palavra “ficar” é a mesma usada por Rousseau para designar o processo de adolescência.

“[...]Pegou Gimol, Flor e Biba, dispôs as três sentadas na cama, encostadas na parede, como sempre fazia quando ia começar a aula[...] Olhou bem para as alunas. Estranhou. Não parecia as mesmas. Quer dizer, eram elas, mas pareciam diferentes, como se as cores das roupas estivessem mais fortes, mais carregadas; os detalhes dos corpos, que o hábito fez com que Ana nem notasse mais, agora pareciam em toda a sua originalidade. As cores dos olhos mostravam uma certa artificialidade que ela nunca tinha notado. Impressionante: os cílios eram pintados! [...]”
(Perosa,1995, p.49-50)

Começar a viver o processo de adolecer torna-se um momento de crise onde os jovens já não se reconhecem em brincadeiras, brinquedos e rotinas da infância. Como na passagem acima, a personagem deixa de encontrar em suas bonecas as antigas amigas que lhe respondiam e eram tão reais como os colegas que encontrava na escola.

Neste processo, o adolescente passa por períodos onde a vivência do não-ser aparece ressaltada pelas situações agora vividas por ele. Deixa de lado o mundo que foi construído para viver a sua infância, ou seja, deixa de lado tudo aquilo que conhecia e a forma como se portava, para então começar a estruturar um mundo adolescente, que vai levar apenas uma pequena parte da infância para integrar no novo mundo. Este mundo adolescente vai sendo criado, agregando tudo aquilo que cada adolescente acha que lhe pertence e assim, na transição de adolescência para a maturidade, o jovem vive a experiência do não-ser e não se reconhece como pertencente deste novo momento que está vivendo:

“[...] A criança não existia, chegou a existir, foi feita por nós, adultos; a nossa maturidade assumiu tal caráter que obriga a criança a ser pueril e passar por um período de transição psicologicamente complexo para poder alcançar nossa maturidade tão complicada e contraditória, mas, apesar de tudo e talvez por isso mesmo, tão atraente[...]”.(Berg,1965, p.70)

Geralmente o mundo construído na infância é um mundo onde a criança agrega todas as informações que ela recebe de forma interceptada por adultos que com ela convivem. A criança recebe informações que a colocam no mundo adulto com a distância que para os pais é segura, ou seja, elas podem ter contato com aquilo que ainda lhes é muito distante e aproveitam este momento para se fazerem presentes no mundo adulto que pouco as recebe:

“A criança deve continuar a interessar-se, deve escutar fascinada, acontecimentos que, finalmente, lhe são inacessíveis. Os adultos conduzem a criança à incompreensibilidade.” (Berg, op. cit., p.74)

Após este momento é possível perceber que os adolescentes já não têm mais a mesma necessidade de estar entre os adultos e de se fazerem presentes neste mundo como faziam quando eram menores. Precisam então de um tempo de isolamento, onde poderão dar significado a suas dúvidas, às novas informações e sentimentos que agora fazem parte de seu mundo.

É neste momento que o adolescente tem a necessidade de que ninguém realmente o entenda e vive entre as possibilidades de ser e não-ser aquela criança que antes os pais compreendiam perfeitamente, e para as quais poderiam suprir todas as necessidades:

“Quando o púbere se queixa de que ninguém o compreende nem mesmo os pais, isso prova que os pais tratam-no de modo certo, isso é, como pais e não como amadores de pedagogia. Se o púbere se queixa de não encontrar compreensão “em ninguém” demonstra por isso mesmo que os adultos o tratam, por enquanto unicamente como criança.” (Berg, 1965, p.81)

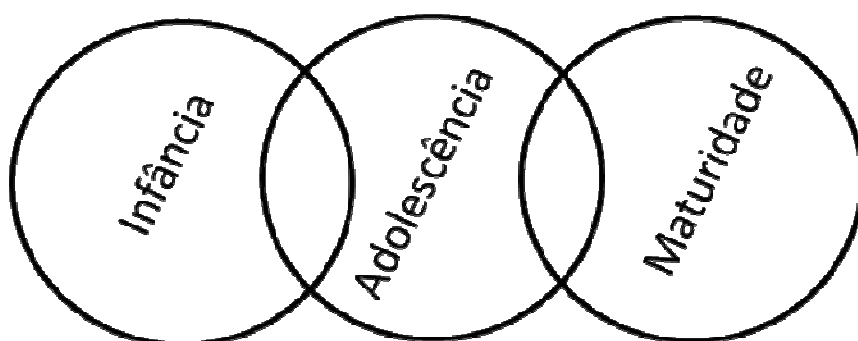
Até meados do século XVII era possível perceber que as crianças não tinham necessidade de uma psicologia infantil. O mundo lhes era aberto e elas passavam por todas as situações que os adultos passavam. Hoje em dia uma psicologia infantil se faz necessária e aparece como recurso presente em muitos momentos de dificuldade com a adolescência.

Desta forma, a adolescência ganhou espaço e apareceu como um fenômeno da contemporaneidade, que explicita todas as dificuldades, sonhos e desejos dos que por ela passam, além disso, o período de crise tem tomado dimensões diferentes em cada período cronológico.

Como dito anteriormente, a Fenomenologia entende este período como de intensa crise. Entende-se por intensa crise um período de transição psíquica que faz com que a vivência seja mais difícil e complexa. Entender como a criança passa por ele e como ela se estrutura torna-se difícil, pois a própria criança tem dificuldade de se adequar e processar este novo momento. Assim, cada adolescente a vive de forma diferente. E é deste jeito de viver que a Fenomenologia busca se apropriar

quando é chamada a pensar a adolescência. Somos chamados a compreender o mundo do adolescente como ele nos apresenta e como ele o entende. Dessa forma, deixamos de lado os conceitos pré-existentes relacionados à adolescência e passamos a entendê-la da mesma forma como o jovem a entende. Podemos, assim, dar atenção e sentido à crise que na maioria das vezes não é entendida e nem deve ser compreendida pelos pais com exatidão. Neste momento o adolescente sente a necessidade de ser incompreendido, precisa se afastar do mundo conhecido e começar a criar seu novo espaço.

A figura a seguir pode exemplificar esta situação:



(Fonte: FREIRE, 2011)

O primeiro círculo representa o mundo criado pela criança; o corte e intersecção representam o que a criança leva para o período de adolescência, representado pelo segundo círculo. Da mesma forma que no mundo anterior a criança leva um pouco para adolescência, o adolescente leva um pouco de si para o mundo adulto, representado pelo terceiro círculo.

Entendendo a adolescência desta forma é que pretendemos dar continuidade ao trabalho, por intermédio de uma pesquisa nos moldes fenomenológicos sobre a vivência da adolescência na década de 70 e na contemporaneidade.

4. Contexto Histórico

4.1. A década de 70

Durante anos nosso país sofreu com a repressão, imposição e a agressão que foi a ditadura militar. As mudanças ocasionadas por uma ruptura e a diferenciação de tempo e experiência de vida fizeram com que a população se acostumasse a viver com medo sem saber ao certo o que aconteceria nos dias subsequentes; muitos perderam familiares, histórias e dias em família para lutar por um futuro melhor no nosso país.

O Brasil vivia uma época de transição e com o golpe militar teve de se adequar às mudanças econômicas e sociais resultantes do novo modo de governar o país.

Em meio a todas essas mudanças, vimos crianças e adolescentes viverem o período da adolescência em circunstâncias mais restritas, já que não se podia ter acesso pleno à cultura que era produzida.

Durante o período ditatorial, vimos a população se “dividir” em três categorias, pois nem todos os cidadãos sabiam exatamente o que acontecia no país. Uma destas categorias era a da população que estava intimamente ligada com a militância e o engajamento políticos. Esta saía às ruas, lutava e se envolvia com a Ditadura de forma a apoiá-la ou a repudiá-la veementemente.

A outra parcela da população, talvez a maior parte dela, sabia que o regime militar existia e que muitas coisas haviam mudado, mas não havia o engajamento político esperado para participarem da luta ou do processo de redemocratização do país.

A terceira parcela da população vivia sem ao menos ter conhecimento do significado da instauração do governo militar e de suas implicações. Como consequência, esta parcela da população viveu o período ditatorial sem envolvimento algum com o que estava acontecendo politicamente no país.

Muitos adolescentes daquela época viram seus amigos, colegas, e em muitas situações seus pais, serem atacados e torturados por defenderem seus ideais. Cada cidadão viveu o período ditatorial de uma forma: o sentimento mais evidente foi o de patriotismo (incentivado pela propaganda política) e a mudança de visão de cada um dos brasileiros, mesmo aqueles que apoiavam e ainda apoiam o militarismo.

No livro de Caldevilla e Loconte (2008), o movimento militar e as mudanças culturais da época aparecem ilustrados pela história de Dante, um engenheiro civil, e sua família, que sofrem fortemente as ações da Ditadura, o que acaba promovendo a ruína desta família. Renan, o filho do casal, entende a ditadura através do movimento e comentários feitos por seu tio e pais, sentindo o movimento na pele quando se vê obrigado a mentir para sua namorada e viver afastado de todo o “desbunde” da adolescência na cidade para sobreviver aos anos mais difíceis de sua vida.

Quantos jovens mais viveram situações parecidas com esta retratada em um romance de ficção?

Jovens como Renan mudaram suas vidas para sobreviver em um período difícil. Por outro lado, sabiam pouco o que estava acontecendo e viveram suas adolescências livremente, aproveitando cada momento e cada nova experiência proporcionada por esta época, especialmente após a segunda metade da década de 70, com o impacto da “*Disco Music*” no Brasil e no mundo.

Enquanto os festivais traziam a seus espectadores músicas de protesto com conteúdo disfarçado para driblar a censura, muitos jovens desfilavam e iam às ruas lutar e falar abertamente sobre as notícias que não podiam ser publicadas por jornais e revistas da época.

Com a entrada de Ernesto Geisel no governo do Brasil, em 1974, houve um afrouxamento do regime militar, dando espaço, por exemplo, para a profícua produção musical brasileira e também para a chegada da “*disco music*”, movimentos estes que vieram para modernizar a música e a cultura existentes. Em 1978 foi aprovada a lei da anistia que liberou a volta de todos os exilados pela ditadura ao Brasil.

Os jovens que viveram suas adolescências na década de 70, cada um dentro de suas possibilidades, experimentaram uma época que alguns anos depois seria considerada muito importante para a formação da democracia brasileira. Cada movimento existente dentro dessa cultura foi importante para a criação de um futuro, em que jovens fossem preparados cada vez mais para serem os protagonistas e agentes de mudança da nossa sociedade. Segundo Abramo (2005), a partir da década de 50 os jovens não eram vistos como sujeitos sociais do presente, ou seja,

sua relação com o presente era diminuída e o futuro servia como norteador de suas vidas.

Qual a visão dos jovens que passaram por todas essas mudanças? Eles ainda assim consideram ter vivido suas adolescências? O que desta adolescência marcou a vida de cada um deles?

4.2. Os anos 2000

Internet, globalização, computadores e informação. Estas são ferramentas presentes e cada vez mais importantes para o desenvolvimento e crescimento dos jovens de hoje em dia.

As crianças e adolescentes são cada vez mais bombardeados por informações vindas de todos os lugares do mundo e, desta forma, constroem sua visão de mundo e vivem suas adolescências. Segundo Calligaris (2000), o adolescente é um indivíduo capaz de enriquecer a sociedade com novos valores e novas perspectivas, e de enfrentar as dificuldades que lhe são apresentadas.

Hoje os adolescentes vivem divididos “em tribos” e cada uma delas impõe sua forma de vestir, falar, o estilo musical que ouvem, os lugares que frequentam, sendo que a mobilidade existente entre essas tribos aumenta cada vez mais. Hoje fazem parte de uma tribo e pouco tempo depois se identificam com outras pessoas e outras tribos, mudando e se adequando em conformidade com elas:

“As turmas servem a diversos propósitos. Elas ajudam os adolescentes a estabelecer sua identidade e reforçam a obediência às normas comportamentais de grupos étnicos e socioeconômicos. [...] fazer parte de uma turma torna mais fácil o estabelecimento de relações com pares da mesma turma e mais difícil com pessoas de fora[...]” (Brow & Klute apud Papalia, Olds & Feldman, 2009, p.460)

Atualmente, adolescentes começam a conhecer o mundo, a política e a responsabilidade social através de diversas fontes, fazendo com que assuntos que hoje têm sido muito explorados se façam cada vez mais presentes na forma de agir e pensar de cada um deles.

Além disso, existe uma mudança na forma como os jovens de hoje são educados. Cada qual manifesta sua indignação da forma que mais lhe parece apropriada, deixando de lado o espírito de luta presente no Brasil da ditadura: os jovens que viveram a ditadura e se engajaram foram chamados a lutar por algum

motivo específico e acharam nesta luta uma forma de expor suas ideias e ideais de vida. Os jovens hoje manifestam o espírito de luta criando grandes movimentos pela internet, organizam grandes discussões e muitas ações que ganham proporções nacionais, trazendo a possibilidade de uma luta democrática e intelectual.

Hoje, como antigamente, existem os grandes festivais de música que não precisam mais driblar a censura ou temer as críticas ao governo. São festivais que possibilitam mesclar a qualidade da música nacional com a internacional sem amarras ou medo de repressão. Isto foi algo adquirido com tempo e como resultado das mudanças políticas e sociais pelos quais o Brasil passou entre o final dos anos 70 e o início dos anos 80.

O fator tempo se faz cada vez mais presente nos dias de hoje. Antigamente, as mudanças aconteciam gradativamente e havia mais tempo para a adaptação e absorção das mesmas. Hoje, os jovens parecem se adaptar as novidades de forma rápida e tranqüila: especialmente no que se refere aos aparatos tecnológicos. Antigamente a experiência com cada nova tecnologia era duradoura, demorava-se mais para que surgissem mudanças muito grandes acerca do que já era produzido. Hoje em dia, em um curto período, as mudanças são muito maiores, fazendo com que não exista tempo o suficiente para se estruturar um conhecimento sobre tal assunto.

“Um tempo que não constrói alicerces e, portanto, representa uma experiência solitária, individual e única.” (Grispun e Guimarães, 2008, p.9)

Essa experiência descrita como única e individual retrata a adolescência como um momento em que o jovem necessita de um tempo sozinho. Ela se faz necessária para entender e viver as rápidas mudanças desta época. Quando pensamos no futuro dos jovens:

“(…) Para muitos jovens o futuro se encontra “desfuturizado” – não porque esteja sob controle, mas porque se encontra (des) governado pelo princípio da incerteza” (fala de pais de adolescentes In: Grispun e Guimarães, op cit., p.09)

A incerteza lançada por essa projeção de futuro faz com que os jovens se encontrem e se misturem com seus pares, até para conhecerem e saberem se eles também compartilham das mesmas dúvidas e aflições. Os jovens de antigamente se preocupavam com o futuro, de forma a esperar o que mais poderia ser trazido, criado ou apresentado a eles pelos anos que ainda estariam por vir. Já os jovens de

hoje em dia se preocupam com seu futuro a partir do momento em que iniciam sua preparação para o vestibular, imaginando como a partir de então viverão os próximos passos da vida. Essa incerteza aparece como recorrente em todas as épocas.

A mudança política ocorrida durante os últimos trinta anos fez com que as formas de conhecer, entender e se aliar à política fossem se transformando. Antigamente, as diferentes orientações entre os partidos de esquerda e os partidos de direita separavam e mobilizavam jovens. Hoje em dia as separações não são mais tão claras, o cenário político nacional se apresenta de forma difusa. Isso provavelmente acaba favorecendo com que os jovens se mostrem alheios à integração político-partidária e assim manifestem seus ideais em mídias sociais.

Por terem agora uma relação mais ampla com seus pais dos que os adolescentes das antigas gerações, os jovens atuais têm mais abertura para discutir questões políticas, sexuais e ideológicas. Mas ainda assim é impossível avaliar se isso se apresenta como vantagem ou desvantagem para a população adolescente como forma de exercício político mais livre.

Estes jovens fazem parte de uma geração que deixou de lado a apatia, mas não milita de forma a reunir milhões em uma praça e sim de forma a se envolver com causas sociais e em atividades individuais que mostrem seu efeito à comunidade:

“A visibilidade social dos jovens muda um pouco em relação aos anos 80: já não são mais a apatia e desmobilização que chamam a atenção; pelo contrário, é a presença de inúmeras figuras juvenis nas ruas, envolvidas em diversos tipos de ações individuais e coletivas”.
(Abramo,1997, p.31)

É desta forma que os jovens brasileiros mesclam os projetos e ações sociais com a vida social intensa de grandes festivais a baladas intermináveis. Além de usar a internet e as redes sociais como uma das principais formas de ampliar sua visão e conhecer a visão de outras pessoas.

Considerando a breve contextualização do momento no qual o adolescente de hoje vive, quais são as dificuldades que eles enfrentam como jovens? Que considerações fazem a respeito da vivência da própria adolescência?

5. Método

Trata-se de um estudo descritivo-qualitativo, próprio do método fenomenológico, no qual o foco de atenção foi a narração que os entrevistados fizeram sobre suas experiências: como eles relataram, o que priorizaram em seus relatos e que considerações fizeram a respeito das próprias vivências da adolescência.

Apesar de se tratar de uma pesquisa que buscou compreender processos por intermédio de uma população não-clínica (não foram entrevistados clientes de psicoterapia da pesquisadora, até porque ela ainda não está habilitada para esta profissão), este trabalho é caracterizado como uma pesquisa clínica nos moldes definidos por Perron (*apud* Giarni, 1989, p.40): aquela que consiste em um processo de conhecimento dos significados que o sujeito atribui às suas crenças, valores e vivências, visando construir em uma estrutura inteligível os fatos psicológicos dos quais ele é a fonte.

▪ Participantes

Para a realização da pesquisa foram selecionados quatro participantes, dois homens e duas mulheres pertencentes às camadas médias urbanas do município de São Paulo.

O primeiro par tem idades entre 45 e 55 anos, e o segundo se encontram na faixa etária entre 17 e 18 anos. Os participantes viveram ou estão vivendo suas adolescências no Brasil, especificamente na cidade de São Paulo.

▪ Instrumento

A estratégia metodológica utilizada foi a entrevista semi-dirigida, que teve início com a apresentação de trechos de músicas pré-escolhidas, todas relacionadas às épocas acima mencionadas, visando sensibilizar os participantes para o tema principal da entrevista. As músicas selecionadas para as entrevistas com os participantes adultos estão relacionadas com a década de 70 e foram escolhidas com base na obra “O almanaque dos anos 70” (Bahiana, 2006), enquanto as músicas da adolescência contemporânea foram selecionadas a partir de consulta da pesquisadora a alguns adolescentes de sua rede social, bem como por consulta a sites brasileiros voltados para o público adolescente. Na escolha das músicas foi

possível perceber a diferença entre as épocas e influências causadas nas mesmas. As músicas referentes à década de 70 são todas nacionais, já as músicas relacionadas à contemporaneidade estão mescladas entre nacionais e internacionais, refletindo assim uma tendência.

▪ **Procedimento**

Para que o todo o processo de coleta de dados e análise fosse possível, primeiramente foram contatados os participantes por intermédio de um convite por e-mail que comportou uma breve descrição com o objetivo da pesquisa. Este convite foi enviado a amigos e conhecidos, solicitando dos mesmos indicações de pessoas para as entrevistas com um telefone para facilitar o contato da pesquisadora.

Com as informações em mãos, a entrevistadora telefonou para as pessoas indicadas e fez o convite para a entrevista. Nessa ocasião, foi explicado o objetivo da pesquisa, bem como as condições de realização das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas em dois encontros. A entrevista qualitativa busca compreender vivências e processo, configurando-se como uma relação que envolve intimidade, intensidade e duração. Portanto, é fundamental que o entrevistado possa ficar à vontade para fazer seu relato. Pesquisas desenvolvidas neste modelo apontam que dificilmente uma única entrevista propicia uma abertura para que o entrevistado se sinta à vontade para relatar suas experiências (Maciel Jr, 2006; Lima, 2003). Outra justificativa para a necessidade da segunda entrevista é que ela permite tanto ao entrevistador quanto ao participante retomar aspectos da primeira entrevista com vistas ao entendimento ou à complementação das informações que contribuem para a melhor compreensão das vivências que serão analisadas posteriormente.

O local para a realização da entrevista foi escolhido de comum acordo com cada participante e a entrevistadora. O local ofereceu condições para que o sigilo fosse mantido e para que os participantes estivessem à vontade durante seus relatos. Antes do início da entrevista foi solicitada a autorização da gravação da entrevista ao/à entrevistado/a, reiterando-se o cuidado ético com relação ao material coletado (explicitado adiante).

Os dados foram analisados com uso dos recursos reflexivos propostos pelo método fenomenológico e que comporta três momentos: descrição, redução e

interpretação dos dados, podendo desta forma chegar à experiência consciente dos participantes e à consciência do pesquisador. Os nomes apresentados na análise dos dados são fictícios, preservando-se assim a identidade dos entrevistados.

O conteúdo das entrevistas foi submetido à análise das unidades de significação própria do método fenomenológico. A partir disso, deu-se a comparação das vivências dos participantes que experimentaram sua adolescência na década de 70 com os participantes que vivem a adolescência atualmente.

Assim, foi possível compreender e apreender os sentidos das falas de cada um, possibilitando a comparação entre a adolescência vivida na década de 70 e a adolescência vivida na contemporaneidade.

▪ Cuidados éticos

Foram prestadas aos participantes da pesquisa todas as informações necessárias antes do início das entrevistas. Nesta ocasião, a pesquisadora se colocou à disposição para esclarecer todas as dúvidas que eles tiveram em relação à pesquisa. Quando o/a participante se mostrou esclarecido/a, a pesquisadora apresentou o termo de consentimento livre e esclarecido para que fosse feita a leitura e a assinatura do mesmo. No caso dos participantes menores de 18 anos, foi solicitada a autorização dos responsáveis legais dos mesmos que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Cada participante ficou com uma das vias do termo assinada por ele/a e pelos pesquisadores (aluna e professor responsável pela pesquisa). Foi solicitada ainda a autorização para uso do gravador.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob o protocolo nº 488/2011 (Anexo).

6. Análise das entrevistas

Para que o processo de percepção e compreensão dos dados obtidos em cada uma das entrevistas ocorra, faz-se necessária a análise a partir de cada uma das unidades de significado.

Após leitura e análise de cada uma das entrevistas, foi possível identificar unidades de significado e, desta forma, iniciar a análise dos dados. Neste primeiro momento estão sendo analisadas as entrevistas realizadas com os dois “adolescentes” da década de 70.

Entrevistados	Brincadeiras	Lugares	Vestuário	Música	Trabalho	Ditadura	Televisão
Maria 55 anos	<p>“...com 15 anos a gente ainda brincava de boneca, brincava muito na rua...”</p> <p>“... a gente amarrava a corda no poste, brincava com aquele bate lata que a gente chamava...”</p>	<p>“... Depois de um tempo a gente ficou sócio do Corinthians..”</p> <p>“... Íamos to-do-san-to sábado no cinema, só que a gente ia no centro. Então, tinha... naquela época era cinema de rua, então tinha na Sete de Abril, na Dom José de Barros, ali na Ipiranga..”</p>	<p>“... Aí lembro que uma vez ela comprou... ganhou de aniversário a roupa da Wanderléia, Nossa aquela saíha bem curtinha, a bota...”</p> <p>“... a gente comprou uma roupa uma época, aí a gente usava sabe aquele sapatos boneca, a gente comprou uma vez uma meia três quartos...”</p>	<p>“... 99% das meninas o rei, o ídolo era o Roberto Carlos e algumas era os Beatles...”</p> <p>“... música que eu esqueci de comentar e era a “top of the tops” do bailinho era essa do Johnny Rivers “do you wanna dance” e a outra “by the time i get to Phoenix”</p>	<p>“... Ela arrumou um emprego para a gente trabalhar ali no centro perto da praça, na Álvaro Ramos, eu e ela. A gente trabalhava das seis da manhã ao meio dia...”</p> <p>“... eu dava aula no Ipiranga, na Dom Pedro, dava aula de sábado de manhã, aí depois que me formei dei aulas em algumas escolas, no CCAA...”</p>	<p>“... eu lembro que quando eu estudava na PUC, teve toda a coisa da invasão, mas nunca fui muito ligada com essas coisas de política, de ficar fazendo protesto, nunca fui disso, né?...”</p> <p>“... Outro dia mesmo, eu vi uma entrevista com o Lima Duarte, falando de uma novela que eles iam fazer e a censura proibiu...”</p>	<p>“... Aí começou a moda da TV colorida, tinha um pessoal que colocava papel celofane colorido para a TV ficar colorida, risos...”</p> <p>“...As Séries famosas, Bonanza, Rin Tin Tin, brasileira como chama, Vigilante Rodoviário, Batmasters on, Família Buscapé...”</p>

<p>José 50 anos</p>	<p>“...mesmo adolescente a gente ainda brincava muito na rua, jogava vôlei, jogava queimada. E isso é uma coisa que eu fiquei fazendo até bem mais velho....a té começar a namorar..”</p>	<p>“... Aí todo mundo queira ir no Mc Donald’s só tinha um lá na Avenida dos Bandeirantes, era muito longe para mim ir e eu queria muito ir...”</p> <p>“...Outro filme que eu fui que falava muito, da onda do cinema catástrofe, foi o terremoto, Inferno na Torre, o Tubarão, esses eu fui assistir, nossa o Tubarão não se falava outra coisa, todo mundo tinha que ter ido assistir esse filme porque só se falava nisso, o Tubarão...”</p>	<p>“... eu consegui comprar uma calça US top, só. Era legal que ela fosse bem desbotada na época era legal andar, era meio pós hippie...”</p> <p>“...lembro que eu gostava de usar roupa meio de hippie com penduricalhos, bolsa de couro pendurada sandália de couro de feira de hippie...”</p>	<p>“... minha época mais rebelde de gostar mais de rock, aí todo mundo gostava de Led Zeppelin, AC DC, Kiss, Black Sabbath...”</p> <p>“...Tinha os festivais, que tinha assim coisas pra gente se divertir não era muitos a gente se juntava para ver os festivais eram muito legais aí a gente ficava torcendo...”</p>	<p>“...eu tava trabalhando já no meu primeiro emprego e eu ouvi no rádio, tava falando da rebelião que tava tendo no Carandiru...”</p>	<p>“... eu lembro que todo mundo queria que caísse o AI-5. Eu lembro quando caiu que foi com o Figueiredo, que começou a abertura...”</p> <p>“... foi muito bom o Brasil ter ganhado essa Copa, deixou um pouco de lado as coisas que apareciam sobre a ditadura...”</p>	<p>“deixou de ser preto e branco, a primeira novela que passou colorida era Estúpido Cupido, da Globo, só tinha essa novela colorida...”</p> <p>“... muitos seriados foi uma época que tinham os americanos e os brasileiros tinha o Swat, Startsky e Hutch, Família Do, Ré Mi, tinha o Vigilante Rodoviário..”</p>
-----------------------------	---	---	--	---	--	--	---

Após a divisão destas unidades de significado é possível conhecer um pouco mais sobre as adolescências dos entrevistados. Quais os sentidos que cada um expressa sobre a própria adolescência e qual a importância para cada um deles.

Nas duas entrevistas foram abordados temas intimamente relacionados com a adolescência. A primeira entrevistada falou muito sobre a quantidade de

brincadeiras e amigos que tinha, relacionando momentos bons em que pôde ser adolescente, passando por momentos de estudo, diversão, paquera e descobertas típicas da época.

Na segunda entrevista, o entrevistado falou sobre aproveitar a vida com moderação pela rígida educação dada pelos pais e as dificuldades de se morar em um lugar mais afastado do centro da cidade, expressando vivências muito próximas às da primeira entrevistada.

Ao falarem sobre suas adolescências, muitas lembranças foram reavivadas, mesmo que cada um deles as tendo vivido em metades diferentes da década de 70. Falaram daquilo que mais os marcou como, por exemplo, a roupa que era moda, ou sobre a moda de ir ao cinema:

“... nossa era muito legal e teve esse época que eu e a Gislene íamos to-do san-to sá-bado no cinema, só que a gente ia no centro. Então tinha, naquela época era cinema de rua então tinha na Sete de Abril, na Dom Jose de barros, ali no Ipiranga, Na avenida São João, Na brigadeiro...” (Maria)

No discurso de José, o cinema também se faz presente, como espaço de socialização, encontro e amizade:

“ ...minha adolescência, bem minha adolescência saiu o filme do John Travolta, “Os embalos de sábado a noite, e como era de dança nossa eu fiquei doido, eu fui assistir e a gente treinava os passinhos para imitar, porque as meninas queriam que a gente soubesse dançar igual para dançar junto...” (José)

Como podemos observar, as vivências da adolescência, mesmo que em dois momentos diferentes da mesma década e com criações extremamente diferentes, se expressaram de formas muito próximas nas quais eles podiam ser-para-o-mundo independentemente de sua classe social.

Além deste tema, um aspecto que apareceu nos dois relatos, principalmente quando abordaram o tema dos grandes festivais de música, foi a ditadura e a forma como os festivais foram importantes não só para a difundir a cultura, mas também para que estes jovens conhecessem músicas feitas para expressar a insatisfação com a condição política do país. Os grandes festivais eram assistidos por muitos através da televisão, que nesta época era um elemento agregador e uma grande novidade. As maiores inovações da época eram apresentadas pela televisão, cada

novo programa fazia com que as pessoas se agrupassem para descobrir e conhecer o que lhes era apresentado. A relação com a música e a televisão se tornou mais próxima. Homens e mulheres se divertiam e se derretiam por aqueles que eram os maiores ídolos da época em questão.

As influências internacionais que chegavam ao Brasil vinham com pouquíssimas imagens. Os cantores e grupos eram conhecidos por suas músicas e nomes, mas pouquíssimas pessoas sabiam como eles eram:

“... TV cultura que chamava pop show, TV pop show que passava alguns cantores internacionais. Aí foi quando eu fiquei conhecendo o Peter Frampton, porque a gente ouvia no rádio, mas eu nunca tinha visto...” (José)

Por outro lado, estes jovens não tiveram contato com a violência urbana ou política, nem com as implicações que elas traziam. Muitos deles sabiam que a violência existia apenas por comentários de pessoas de sua convivência ou até mesmo pelos meios de comunicação. Os jovens eram mais livres para viver a adolescência sem medos ou preocupações com este tema, hoje recorrente:

“Nunca me fez nenhuma diferença, nem em hora de sair chegar, ou não poder passar em algum lugar, nada disso fez diferença para mim”. (Maria)

“... eu saía para estudar longe e ninguém sabia onde eu tava, desde cedo eu fui estudar longe e pegava trem ia pro centro da cidade, as mães não se preocupavam muito na época, era mais tranquilo. Não se pensava muito nessas coisas de violência, de assalto, não tinha muito essa preocupação...” (José)

Através do relato dos participantes é possível perceber que a violência não fazia parte da vivência destes adolescentes, que podiam aproveitar de modo mais tranquilo dos momentos de convivência com os amigos, com a turma.

Se considerarmos as entrevistas de Maria e José, a adolescência deles aparece como um momento contínuo à infância. As brincadeiras, jogos, turmas e comportamentos ainda são os mesmos, sem deixar de lado apesar do amadurecimento exigido pela idade.

Nesta época, os jovens começavam a trabalhar mais cedo, muitas vezes por necessidade e outras porque não teriam a possibilidade de iniciar a vida acadêmica. Sendo assim, iniciavam-se na vida profissional aproveitando as possibilidades a eles oferecidas.

Quando somos chamados a analisar e identificar os temas das possíveis unidades de significado elaboradas através dos discursos dos jovens contemporâneos que participaram deste estudo é possível perceber, como veremos a seguir, que eles mudam muito pouco em relação aos citados anteriormente em relação aos jovens da década de 70, mas sendo vistos sob uma perspectiva muito diferente da enfrentada por aqueles jovens.

Entrevistado	Vestibular	Música	Lugares	Violência	Namoro	Internet	Trabalho
Adriana 17 anos	<p>“... Sabe, eu já acordo pensando na escola, no vestibular. Aff, nem quero muito falar disso porque sabe vestibular é muita responsabilidade, todo mundo quer que eu decida logo o que eu quero fazer na faculdade. ...”</p> <p>“... Eu fico entrando em um monte de site de faculdade, de cursinho e tudo mais. E aí fico vendo o pessoal se matando de estudar, um monte</p>	<p>“... É que, sabe, eu fui mudando muito de ideia durante o tempo! Eu já gostei muito de rock, aí só escutava isso e mais nada, aí depois eu mudei de ideia de novo e, sabe, acho bom mudar de ideia sempre ...”</p> <p>“...Sabe, além disso, acho que foi um bom jeito de conhecer mais músicas, muitos estilos diferentes e tudo mais. Eu podia baixar música de</p>	<p>“... Ahh eu gosto de sair com as minhas amigas, eu amo dançar então adoro sair para dançar qualquer lugar para mim tá bom se eu puder dançar...”</p> <p>“...Sabe, a mesma coisa acontece quando a gente entra numa balada pela primeira vez, ou vai num show...”</p>	<p>“... o que mais me incomoda é essa coisa de ladrão, de tudo que a gente tem a gente ter que andar prestando atenção em todo mundo que tá perto de você...”</p> <p>“...Acho que fiquei com mais medo, depois que um dia a gente tava se arrumando para sair e um cara tentar roubar o carro do meu pai enquanto ele saía da garagem ...”</p>	<p>“... Outra coisa que eu acho que é da adolescência é essa coisa de namorar, começar a pensar nisso e tudo mais...”</p> <p>“... Porque nessa hora a gente sempre pensa no pai e na super bronca que vai vir e nas coisas que ele vai falar. Aí a gente vê na TV o pai tipo bravão, fazendo interrogatório colocando o menino numa situação constrangedora ...”</p>	<p>“... Além disso, a internet e o computador várias vezes foram amigos, sabe?! ...”</p> <p>“... na internet a gente também pode conhecer muitas coisas diferentes, conheci um monte de programas, sei mexer em um monte de coisas que eu não sabia, aí também quando eu queria ficar quietinha e só escrever sobre o porquê disso, aí sentava no computador ...”</p>	<p>“... Aí me inscrevi num programa de jovem cidadão, sabe?! Para começar a trabalhar porque acho importante já ter trabalhado em qualquer coisa que seja, independente do que eu for fazer ...”</p> <p>“...comecei a trabalhar, trabalho no Metrô como ajudante, sabe, já mudei de estação um monte de vezes, mas ta ótimo! ...”</p>

	de gente falando de fazer cursinho agora do meio do ano pra frente...”	todos os lugares do mundo. Conheci muita coisa...”					
Diego 18 anos	<p>“... Putz, foi muito ruim, porque naquela semana eu ia fazer a matrícula na faculdade, vou fazer engenharia. Mas aí sem RG para juntar com os outros documentos, não pude. Aí vou ter que esperar até o meio do ano para poder começar...”</p> <p>“... acho que pensei que fazer a faculdade de educação física ia ser bom...”</p>	<p>“...Nossa música também! Gosto muito de música, curto de tudo, sabe, tenho escutado muito <i>Forfun</i>, Projota e um pagodinho ...”</p> <p>“... essas músicas aí que você escolheu só música que eu curto, hein? Pra mim só ficou faltando <i>Forfun!!!</i> Da próxima vez não esquece de colocar pelo menos mais uma música deles, hein? ...”</p>	<p>“... Ah eu curto muito sair com eles, sabe quando você tem aqueles amigos que você gosta de sair sempre, na verdade de final de semana eu quase não fico em casa ...”</p> <p>“...curto muito sair de balada, acho que eu falei isso, né? Mas então aí quando eu comecei a poder entrar em todas as baladas sem me preocupar ...”</p>	<p>“... Sabe uma coisa que eu fiquei puto, sabe, foi quando roubaram meu celular quando eu tava voltando pra casa ...”</p> <p>“...entendo quando minha mãe me liga que tá preocupada porque eu to na rua até de madrugada e tudo mais, porque hoje em dia tá complicado, toda hora no jornal é assalto, é gente que morreu, é difícil, né? ...”</p>	<p>“... Fui acostumado com essa idéia de namorada, de mulher, porque eles ficavam falando disso e tal...”</p> <p>“... eu lembro que uma vez no final do ano, a gente fazia aquela coisa de assinar camiseta para guardar de recordação e tudo mais, aí ela escreveu o telefone dela na minha camiseta. Nossa achei aquilo muito, muito bom e aí fiquei contando para todo mundo e tal ...”</p>	<p>“... Então eu meio que comecei a ficar de saco cheio de brincar com eles, aí comecei a passar mais tempo no computador e tal ...”</p> <p>“...gosto de jogar D&D, com o pessoal na internet, sabe esses jogos em que a gente joga <i>on line</i> com um monte de gente, então jogo com vários amigos meus, sabe, durante a semana e às vezes no final de semana, quando to em casa, a gente fica conversando e jogando muito tempo. O mais famoso é o <i>Warcraft</i>, sabe? ...”</p>	<p>“...todo mundo me perguntando o que eu ia fazer da vida e tal, e eu já tinha começado a trabalhar, então tava assim nessa vida, trabalhando e aí assim que deu quis ir tirar carta ...”</p> <p>“...Aí agora eu resolvi sair do trabalho que eu tava, sabe, lá tava muito ruim, tudo bem que ficou tudo meio apertado aqui em casa, mas eu vou achar outro logo ...”</p>

Nas entrevistas realizadas com os adolescentes são apresentados temas próximos aos abordados pelos adultos, temas estes relacionados à passagem do tempo, globalização e mudanças políticas. Hoje temos um governo democrático que permite a seus cidadãos manifestarem e interagirem de todas as formas possíveis com liberdade e sem repressão, diferentemente dos anos vividos sob a Ditadura.

Nos discursos destes jovens fica explicitado que hoje em dia eles são chamados a amadurecem rapidamente, deixando de lado os comportamentos vividos na infância. Cada jovem passa por esse momento de forma diferente:

“Aff, nem quero muito falar disso porque, sabe, vestibular é muita responsabilidade, todo mundo quer que eu decida logo o que eu quero fazer na faculdade e o que eu vou fazer depois; eu nem sei se eu vou passar de ano e já tenho que ficar pensando nisso, sabe?!” (Adriana)

“Ahh, sei lá, acho que eu comecei a me tocar desse negócio de adolescente quando eu larguei um pouco os bonequinhos, sabe?! Tipo Power Rangers, Max Steel, sabe?! [...] Mas, sabe, acho que ficou tudo meio embaralhado porque, como meu irmão é mais velho que eu e eu já passava um tempo com ele e com os amigos dele...” (Diego)

As decisões e mudanças acontecem movidas pela pressão ou influência daqueles que convivem com os jovens, cada um focado no que lhe interessa no momento, dando-lhes a possibilidade de serem para a vida. Os espaços de encontro e socialização destes jovens estão cada vez mais reduzidos, eles vivem em uma megalópole que passa por uma constante expansão. Cresce cada dia mais o número de prédios, ruas e novas estradas, diminuindo assim a possibilidade de espaços comuns para entretenimento e diversão, fazendo com que os jovens passem mais tempo em espaços fechados, ou reclusos em suas casas, fazendo da internet um novo espaço de socialização para eles. Eles passam a ser-para-o-momento em que eles estão vivendo. Encontram seus pares para falar sobre suas dificuldades e angústias, aproveitando também para terem mais espaço e momentos de socialização. Tem ali um espaço para falar abertamente sobre suas necessidades sem que tenham que discutir ou comentar com seus pais sobre assuntos que em muitos momentos não acreditam que eles entenderão, apesar de conversarem mais com eles do que os adolescentes das gerações anteriores:

*“... quando eu queria ficar quietinha e só escrever sobre o porquê disso, aí sentava no computador e depois postava num blog que eu tinha ...”
(Adriana)*

O tema dos namoros também fica evidente nos dois discursos, em que cada um deles expõe sentimentos e momentos interessantes sobre suas vidas amorosas, relatando sobre os primeiros amores e momentos de paixão:

“...eu comecei a perceber as meninas de um jeito diferente, eu acho que eu tava com uns 12, 13 anos....nem sei direito. Aí, sabe, você começa a olhar, aí pensa... aí tinha uma menina que estudava comigo, nossa, ela era muito bonita e por acaso ela foi morar no prédio que eu moro e aí eu lembro que uma vez, no final do ano, a gente fazia aquela coisa de assinar camiseta para guardar de recordação e tudo mais, aí ela escreveu o telefone dela na minha camiseta”. (Diego)

A expressão desses sentimentos no discurso de cada um mostra como se sentiram em relação a estes acontecimentos, sendo eles duradouros ou não.

Nos dois discursos também fica evidente que eles gostam muito de sair para espaços comuns, onde podem dançar, conhecer pessoas ou simplesmente se reunir com amigos que não veem sempre.

Quando comparamos as quatro vivências da adolescência, identificamos situações e experiências muito similares e parecidas no discurso de cada um. Cada adolescente carrega consigo uma bagagem sentimental e momentos que lhes servem como comparação para as experiências que estão por vir.

Nas duas entrevistas realizadas com os adultos, eles comparam sua adolescência com os jovens de hoje e veem diferenças claras na forma de experimentarem este momento de suas vidas, como relatado anteriormente.

Todos os temas abordados pelos quatro participantes se inter-relacionam, seja na perspectiva dos adultos seja na dos adolescentes entrevistados que, tendo vivido sua adolescência na época da Ditadura e do “desbunde”, ou na época da tecnologia e dos *gadgets*, expressam vivências carregadas de dúvidas, angústias, alegrias e sonhos.

7. Considerações Finais

Para conhecer os sentidos e significados das vivências de cada pessoa é necessário ouvir seus relatos sobre estas experiências.

Através das entrevistas foi possível conhecer como cada uma destas quatro pessoas entende o momento da adolescência vivida em sua história, seja como adolescente que hoje é pai ou mãe, seja como pessoa que está passando agora por esta vivência.

Após a análise das entrevistas foi possível perceber que, mesmo em épocas distintas, as vivências da adolescência não se apresentam assim tão diferentes umas das outras. Os jovens passam por momentos de angústia, pressão, mudança de sentimentos e incertezas, momentos estes que são revelados através de seus discursos, nos quais cada expressa aquilo que lhe marcou, exaltando os erros e acertos, sonhos e desejos que, para eles, são (eram) os maiores e, após algum tempo, deixaram de ser grandes para dar espaço aos novos sonhos e novos desafios.

Porém, sob o contexto político dessas vivências, as adolescências parecem muito distintas: no passado, a censura fazia com que nem todos tivessem acesso ao que era produzido, enquanto hoje em dia o acesso a todo tipo de produção cultural é livre, dando possibilidade para o jovem conhecer aquilo que mais lhe interessa.

À luz da Fenomenologia, o discurso dos participantes pode ser interpretado por intermédio da verdade encontrada em seus relatos, em que cada um deles explicitou o que de seus pontos de vista foi e é ser adolescente. Esta forma de conduzir a investigação oferece a possibilidade para cada um expressar a vivência a partir do discurso sobre as experiências adquiridas do mundo infantil, transportando-as para a adolescência e, para aqueles que já são adultos, transportando-as para a vida adulta.

Durante a realização das entrevistas foi possível perceber uma diferença muito grande na forma de abordar os temas. Os adultos falam de suas adolescências abordando temas leves e engraçados, trazendo reminiscências de momentos e sensações vividas sem citar fatos pesados, grandes preocupações ou problemas que tiveram durante este período. Já no discurso dos jovens de hoje foi possível identificar um tom muito mais pesado e sério em que os temas abordados

passaram por preocupações como o vestibular, a violência urbana e também com a forma de ver e encarar o futuro.

Fato interessante durante as entrevistas foi que, apesar de os adultos se sentirem muito mais à vontade para relatar suas vivências, os jovens falaram de assuntos que em investigações envolvendo adolescentes são citados como complicados e difíceis. Já na primeira entrevista estes temas foram abordados com naturalidade pelos dois participantes jovens.

Desta forma, é possível pensar que talvez um aspecto favorecedor da abordagem de temas tidos como difíceis numa entrevista de pesquisa com adolescentes seja a idade do entrevistador/pesquisador, dada a pouca diferença de idade entre a autora deste trabalho e os participantes de sua pesquisa.

Fica, portanto, uma contribuição para pesquisadores que desejem aprofundar o entendimento da adolescência com suas nuances.

8. Referências Bibliográficas:

AUGRAS, M. **O ser da compreensão - Fenomenologia da situação de diagnóstico**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, vol.5, n. 6, maio/dez., 1997.

BAHIANA, A. M. **Almanaque anos 70**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BERG, J. H. V. D. **Metablética**. São Paulo: Mestre Jou, 1965.

BERNARDES, N. M. G. Análise Compreensiva de base fenomenológica e o estudo da experiência vivida de crianças e adultos, **Educação**, Porto Alegre, vol. XIV, 1991.

CALDEVILLA, V. e LOCONTE, W. **A ditadura no Brasil: Do golpe à abertura**. São Paulo: Saraiva, 2008.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CEZIMBRA, M. Feito irmãs. O Globo, **Revista O Globo**, 2006.

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm Acesso em: 30 abr. 2010.

FREIRE, C. E. C. **Adolescência e Juventude**. [Aula proferida no 4^a ano do curso de Psicologia da PUC-SP, São Paulo, 2011].

FREITAS, M. V.; ABRAMO, H. W. e LEÓN, O. D. **Juventude e adolescência no Brasil: Referências conceituais**. Rio de Janeiro: Ação Educativa. Programa de Juventude, 2005, Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2344> Acesso em: 04 de mai. 2012.

GIAMI, ALAIN. Recherche en psychologie clinique ou recherche clinique. In: D'ALLONNES, Claude R. et al. **La démarche clinique en sciences humaines, documents, méthodes**. Paris: Bordas, p. 35-47, 1989.

GRINSPUN, M. P. S. Z. e GUIMARÃES, G. G. **Revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade**. Rio de Janeiro, 2008, Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT20-4136--Int.pdf> Acesso em: 04 de mai. 2012.

LIMA, M. T. A. **Ser ou não ser: a experiência do homem no cuidado com os filhos da companheira**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tese de Doutorado. 2003.

MACIEL JR, P. de A. **Tornar-se homem: o projeto masculino na perspectiva de gênero**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tese de Doutorado. 191p., 2006.

OMS (Organização Mundial de Saúde) – Adolescência, 2005, Disponível em: <http://www.who.int>. Acesso em: 30 abr. 2011.

PEREIRA, A. C. A. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo: Harbra, 2005.

PEROSA, Miguel. **Descobrimo a si mesmo: a passagem para a adolescência**. Coleção qual é o grilo? São Paulo: Moderna, 1995.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. e FELDMAN, R.S. **Desenvolvimento Humano**. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

SANTOS, A. B. **Adolescência: da inquietação à compreensão**. Artigo desenvolvido para o PET – Fortaleza, Universidade Federal do Ceará – Curso de Psicologia, 2009.

9. Anexos:

Transcrição

Primeira entrevista

M, 55 anos

Entrevistadora: Depois de escutar estas músicas gostaria que você lembrasse como foi a sua adolescência. O que você gostava de fazer, como você se vestia, os lugares em que você ia e todas as coisas que você gostava de fazer.

M.: Adolescência na verdade era tipo uma infância, era completamente diferente de hoje em dia, com 15 anos a gente ainda brincava de boneca, brincava muito na rua, a gente morava muito perto do Corinthians, então as ruas que eu me lembre, ainda não eram asfaltadas, então eram aquelas brincadeiras, pular corda a noite, não só as crianças mesmo, na época aqueles caras que eram jovens já tinham uns vinte poucos anos a noite se reunia no tempo de calor, se reunia brincava, a gente amarrava a corda no poste, brincava com aquele bate lata que a gente chamava. Depois de um tempo a gente ficou sócio do Corinthians e aí na época de férias, no calor, ficava o dia todo lá ia de manhã ficava e depois ia para casa almoçava e voltava à tarde para ficar na piscina. Depois comecei a fazer natação o pessoal da natação do Corinthians era muito legal a gente ficava com eles, lembro até que tinha uma amiga que estudava com um deles, tinha os campeonatos, a gente ia direto. De domingo a gente ia na missa, lembro que na época tinha uma igrejainha do Corinthians a gente sempre ia e ficava por lá e depois a tarde também ia para lá, ou ia na Igreja Cristo Rei. Todo domingo a gente ia religiosamente. Minha amiga a mãe dela sempre foi muito carola e a gente sempre ia! Eu, ela, uma prima dela, outra prima dela...

Aí lembro que teve uma época que começou a ter baile de domingo à tarde lá no Corinthians, então iam todos os meninos que a gente conhecia, a gente dava uma paquerada. E na época eu estudava no Auxiliadora, mas era só de menina e tinha a turma do Agostiniano que era só de menino então na hora de pegar o ônibus era coisa de paquera, a gente ficava só nas paqueras né?! Nada como é hoje!

Mas de roupa.... deixa eu pensar... de roupa, eu peguei a época da Jovem Guarda e a gente queria muito vestir as roupas. E a gente sempre foi assim mais Humilde e tal e tinha uma amiga nossa chamada Vera e os pais dela estavam muito bem né? Aí

lembro que uma vez ela comprou...ganhou de aniversário a roupa da Wanderléia, Nossa aquela saíinha bem curtinha, a bota. Nossa a gente ficava morrendo de inveja né?!

Tinha a época dos bailinhos, porque antigamente os bailinhos eram feitos em casa né?! Nas garagens né, aquelas luzes estroboscópicas que chamavam, tinham uns amigos da minha irmã que moravam ali no largo do Maranhão, então a gente ia, minha amiga Gislene tinha uma turminha ali perto de onde é o CIC, o pessoal que ela conhecia era ali então se reuniam ali, tinha bailinhos, a gente também ia.

Deixa eu pensar, o que mais....

Roupa, peguei essa época da Jovem guarda, que o Roberto Carlos tava no auge né?! Eu tava no ginásio, ai lembro que assim, 99% das meninas o rei, o ídolo era o Roberto Carlos e algumas era os Beatles, que foi nessa época e lembro que tinha uma menina que estudava comigo, Marta ela se chamava, era magriiiiiinha. Era a maior briga ela era fã dos Beatles, ela e a prima dela e o resto todo mundo fã do Roberto Carlos.

Uma vez eu lembro que teve um show da Jovem Guarda no Corinthians, então foi nossa aquela sensação todo mundo queria ir! Foi bem legal.

Roupa?! Humm não lembro muito que roupa...deixa eu ver que época eu peguei de roupa, um ombreira? Não ombreira foi mais na década de 80.

Tinha eu lembro uma época que tinha... que usava a saia maxi que era a longa, a midi que era em baixo do joelho ou a mini. Lembro que eu tinha uma roupa, rrsrrs eu e minha amiga, a gente comprou uma roupa uma época ai a gente usava sabe aqueles sapatos boneca, a gente comprou uma vez uma meia três quartos, a gente usava aquela meia, nossa o que a gente usou, usamos muito.

Ai sabe o que tinha aqui do lado na meia uma palhaço, nossa era muito legal e teve esse época que eu e a Gislene íamos to-do san-to sábado no cinema, só que a gente ia no centro. Então tinha, naquela época era cinema de rua então tinha na Sete de Abril, na Dom José de Barros, ali na Ipiranga, na avenida São João, na Brigadeiro... e lembro que tinha um grandão ali que depois de um tempo foi o primeiro que tinha filme em 3D, tinha um outro nome acho que chamava quinta dimensão e a gente ia assim a tardezinha tipo sete da noite. E daí tinha uma lanchonete que era muitooooooooo boa que chamava Jack in the Box, nossa era na

Sete de Abril, aí a gente saía do cinema e ia no Jack in the Box, nossa, mas era muito bom aquele lanche, muito delicioso.

Tinha um lá no começo da Consolação, mas não sei se era Jack in the Box, mas a gente ia sempre no centro e a gente ia sempre com aquela meia, nossa eu usei anos aquela meia.

Ai quando eu tava, uma época eu fazia....Eu estudei até sétima série eu estudei no auxiliadora ai depois eu fui estudar no Maria Zilda, perto de onde era o antigo hospital Cristo Rei, estudei lá, fiz lá a oitava série, estudava a noite e fiz o primeiro e segundo ano do colegial.fiz lá! Ai depois o terceiro colegial eu fiz no Catalano. Aí depois não fiz cursinho nem nada e comecei a fazer PUC, comecei estudando a tarde, porque era o horário que tinha, ai depois eu acho que estudei um ano e eu mudei para o horário da manhã. Antes acho que eu trabalhei, não acho que já trabalhava. Porque eu entrei na em 74, em 72 acho, 73. Eu e minha amiga resolvemos trabalhar, essa minha amiga Inês que é minha amiga de infância. Ela arrumou um emprego para a gente trabalhar ali no centro perto da praça, na Álvaro Ramos, eu e ela. A gente trabalhava das seis da manhã ao Meio dia, a gente trabalhava numa firma chamada Certec, fazia, a gente fazia, era uma firma que fazia trabalho para bancos né? Não sei será um banco só ou para vários bancos, então a gente pegava os cheques e tinha que gravar lá, tipo um computador a gente tinha que copiar, eu lembro que na época nunca tinha trabalhado na minha vida, e era assim meio, porque era menos por produção, e eu nem sabia, porque como eu nunca tinha trabalhado, acho que eu trabalhei durante uns três meses só, tipo assim de Setembro a Dezembro, porque eu tinha feito concurso para o estado, ai eu fui chamada, trabalhei esse tempo e fui chamada para o estado, era ali na Rua do Tatuapé, trabalhava ali num colégio , na secretária da escola. Trabalhei mais ou menos um ano, eu trabalhava de manhã ai me chamara para a prefeitura, aí larguei o estado na época e fui trabalhar na prefeitura. Aí quando eu comecei a fazer faculdade e tudo eu também comecei a dar aula, dava aula numa escola chamada de English Center, não sei se ainda tenho os livrinhos, dava aula lá e tinha várias unidades, eu dava aula no Ipiranga, na Dom Pedro, dava aula de sábado de manhã, aí depois comecei a dar aula em algumas outras escolas e tudo, aí depois que me formei dei aulas em algumas escola, no CCAA, dei aula no Estado, aí cheguei a fazer concurso também, mas depois eu tive que sair porque não podia acumular.

Que mais que tinha?

Programa de TV que a gente assistia, tinha as novelas, primeiro quando eu era bem pequena, quando começou a tv's ninguém tinha ainda e aí depois que começou a ter mais. Aí começou a moda da TV colorida, tinha um pessoal que colocava papel celofane colorido para a TV ficar colorida, risos.

Na minha infância era rádio que tinha, aí depois que eu comecei a trabalhar tudo aí eu comprei aquele três em um, era aquele que tinha vitrola, rádio e o toca fita. Eu comprava muito disco, Lp's, sabe, nossa me arrependo muito de ter dado, porque hoje é uma relíquia. Eu tinha muitos, Pink e Floyd, Marisa Monte....nossa tinha muitos.

Tinha as novelas né?! As Séries famosas, Bonanza, Rin Tin Tin, brasileira como chama, Vigilante Rodoviário, Batmasterson, Família Buscapé, Ivanhoé, que eram bem legais, que mais as novelas, e o que eu gostava muito de assistir eram os festivais, os festivais eram muito legais eu assistia todos, essas músicas do Chico nossa todas eu lembro dos festivais, foi muito legal eu gostava de assistir também.

Na época também eu lembro que começou a calça jeans, era a calça Lee, então eu lembro que essa amiga minha, Inês...

Surgiu as havaianas eram aquelas havaianas básicas né, então eu lembro que era branca, preta, azul clara, verde, então o que a gente fazia, a gente invertia para ela ficar colorida, punha o solado virado para cima, só tiras as tiras e trocava, a gente usava ela assim, a gente gostava. Época também tipo de melissa, essas que ta usando agora, a gente também usava muito, aquelas de plásticos e a calça Lee e ela era desbotada então pessoal fazia de tudo botava na cândida para desbotar, para deixar bem rasgada. Essa minha amiga, Inês, ela tinha duas irmãs mais velhas, um irmão mais velho e depois ela que é da minha idade, então quando o irmão dela não queria mais as calças ela pegava e usava. Ela usava aquelas calças bem justas, aquela coisa que você deitava na cama para fechar o zíper, então era o auge, né?! Lee, Havaianas...

Uma época também a gente usava muito, eu e essa minha amiga Gislene, sabe esses tamancos tipo holandesa, nossa a gente usava muito, tinha um vinho e uma azul marinho e a gente usava sabe o que com meia, usava com essa meia três quartos, saia curta tal e ia.. e também aqueles outros tamancos que era só tipo de veludo com uma fivela aqui, tinha um cor de vinho também.

Eu lembro que uma vez eu tive um sapato channel, que eu amava de paixão, azul turquesa, só que ainda não tinha salto, tipo essas sapatilhas, assim tudo que ta voltando agora, só que era tipo esses chanelzinhos azul turquesa, eu lembro que eu comprei o azul turquesa e minha irmã que é três anos mais velha que eu comprou um de saltinho rosinha, bem clarinho.

Eu lembro que uma vez, risos, eu comprei um sapato de verniz, gelo tipo boneca e tinha um saltinho e coloquei ele tipo no Natal, acho que era no Natal e a gente ia a pé para a igreja, eu morava perto do Corinthians e a igreja Cristo Rei era longe, aí eu fui com aquele sapato de verniz, quando eu voltei tinha umas bolhas desse tamanho nos meus calcanhares, eu queria morrer. Aí não queria mais usar o sapato. Tem umas coisas que marcam a gente, né?! Umas que ficam sempre! Lembro uma vez que eu e essa minha amiga Inês, risos, e a prima dela a gente resolveu fazer corte e costura. Tinha uma senhora que morava perto da gente, Dona Guiomar, uma senhora rica assim, uma casa enorme, imensa e ela tinha uma garagem lá no fundo onde ela dava aula, os dois filhos dela na época, a Soninha, cabelo loirinho assim, magrinha, e o filho chamava Marcos, olha eu não esqueço, né?! E os dois faziam odontologia em Mogi. Então naquela época era nossa muito chique. Ela costurava muito bem e a gente fazia lá aula de corte e costura. Nossa era um barato, né?! Naquela época tinham muitas lojas que vendiam tecidos, agora não tem mais nada perto do que tem agora. Eu lembro que eu fiz um vestido que eu gostava muito, era um vestido de tipo Jersey, estampadinho em tom de marrom e de látex que usava muito, era todo de látex essa parte e aqui era tipo soltinho e a manguinha era tipo de deixar o ombro caído e nossa eu usei muito eu amava aquele vestido. Tinha um que eu fiz ele era tipo um brim, e atrás ele era todo trançado nas costas e amarrava no final também amava aquele vestido e também fiz que eu me lembre um blazer de uma tecido ana ruga, ele era acho que branco, vermelho e azul. Nossa amava também, a gente fez um época também, às vezes fazia alguma coisa para minha irmã e a irmã da minha amiga também fazia corte e costura lá na dona Guiomar.

Fiz inglês também uma época, com a minha amiga Inês, também famosa Inês. A gente começou fazer inglês na avenida São João, o predinho tá lá ainda até hoje, sabe quando você sobe a São João perto dos Correios, um predinho antigo, e a gente fazia a noite o inglês e a gente fazia numa escola, porque na época as meninas que estudavam comigo na PUC, eram todas meninas que estavam super

bem, que já tinham ido para os Estados Unidos e era União Cultural e Cultura Inglesa, eram as duas escolas que tinham, devia ter mais uma ou outra mas essas eram as mais conhecidas, e praticamente eram só essas duas que tinham. E a gente começou a fazer nessa escola, nem lembro o nome da escola, mas era uma escola muito boa e tinha um professor que chamava professor Alois, que depois de muito tempo eu vim descobrir, eu morava na Heitor Barriane nessa época já, e eu vim descobrir na rua Tanquinho, bem do lado de casa.

Ele já era um senhor de uns sessenta e poucos anos, barrigudo, e tinha ele de professor, também mulher meio chatinha nem lembro o nome dela, outro professor meio careca e tinha um outro professor também que dava acho que era história, que era um cara assim, acho que era Nascier o nome dele, ele era tipo libanês assim. E eu tenho o livro até hoje, um livro de gramática, muito bom mesmo, bem legal.

A gente saía à noite andando para pegar o ônibus tipo na Praça da República numa boa e tinha uns meninos que a gente conhecia que morava em São Bernardo que pegavam o ônibus com a gente, mas eu gostei muito de fazer aula com eles lá, a gente ganhou diploma e tudo mais, nem lembro quantos anos de aula a gente fez lá. Sabe, acho que é o que eu to conseguindo lembrar agora... acho que é isso!

Hum, acho que é isso! Nossa falei muito, né?! e muito tempo! Mas acho que agora assim que eu me lembre é isso!!

Duração: 1 hora e 15 minutos.

Segunda entrevista

Entrevistadora: Desta vez eu gostaria que você fizesse como dá primeira vez e deixasse que as suas lembranças venham à tona.

M.: Você lembra do que eu terminei falando? Acho que foi das minhas aulas de inglês? Não foi? Hum, não sei? Mas sabe falando isso eu lembrei de quando eu fazia um pouco de natação, seu Paulo, professor careca tinha o olho, azul, azul, azul, e a gente fazia aula na piscina tipo meia lua e depois agente ia para a piscina, era muito legal o Corinthians, a gente tinha a nossa turminha, que conhecia todo mundo, foi uma época muito legal, ai quando o tempo já não tava de piscina a gente ia jogar vôlei a tarde, tinha o boliche lá que era muito legal, tinha o boliche as vezes a gente jogava boliche, ai as vezes a gente ia pro bailinho e depois que saia do bailinho, a gente ia jogar boliche era muito gostoso.

Nas minhas férias eu ia praticamente todo ano com essa minha amiga Gislene, porque a gente tinha três meses de férias, porque eu estudava ainda no Auxiliadora, final de Novembro quem já tinha fechado ficava de férias, Dezembro, Janeiro e Fevereiro as aulas eram só em março geralmente depois do Carnaval. Então, a gente ficava o mês inteiro em São Vicente, a gente aproveitava muito.

De resto assim meu pai nunca foi de viajar muito, porque sempre ele trabalhou com comércio então nunca tinha férias regulares e nem nada.

A minha irmã, o primeiro emprego dela, ela queria trabalhar, porque queria trabalhar, e sabe no final do ano que tem esses empregos temporários, então nessa época ela foi trabalhar no Jumbo-Elétrico, Jumbo-Elétrico? Hum, não tenho certeza. Ali na Celso Garcia, chamava Eletro Rádio Brás, nossa Eletro Rádio Brás... muito velho isso, então na rua Celso Garcia, ali perto do hospital Cristo Rei. Era uma coisa enorme do lado direito, agora acho que é uma concessionária É uma Chevrolet hoje. Ela foi trabalhar lá, aí o que ela comprou? Um vitrolinha portátil, Philips, era dessas que ela carregava aí, quando você tirava a tampa era o auto falante.

Aí eu lembro que o primeiro compacto que ela comprou, era compacto acho, era o dos Beatles, alguma coisa assim, e comprou um da Gal Costa, Baby, que nossa na época a música tava no auge. E tinha uma música que eu adorava que eu gosto até hoje, do Classics IV , a música chamava “Stormy”, toca de vez em quando na Alpha, na Antena 1. Também eu amava aquela música do Moris Albert, aquela música (cantando” she’s my girl..”) Então, o cara é brasileiro, chama Maurício, aí ele colocou o nome dele em inglês, porque na época o pessoal colocava o nome em inglês para fazer mais sucesso, tinha um monte de gente que fazia isso.

O Ronnie Von, também, nossa ele tava no auge, aí a gente imitava ele, ele tinha aquele cabelo ele colocava assim na frente do rosto e cantava Meu Bem, e a gente imitava ele, do jeito que ele jogava o cabelo para trás.

Era muito legal a gente brincava assim no começo da adolescência, eu morava numa casa de esquina, aí tinha um terreno vazio, nem sei se até hoje ainda tem e depois morava a minha amiga Inês. Aí no fundo da casa dela tinha uma passagem pro terreno. Aquele terreno ficou vazio durante muitos, muitos anos, e a gente aproveitava e brincava ali. E da minha casa o muro dava pro terreno também e uma chamava a outra e a gente tinha um código às vezes, quando, por exemplo, a gente ia chama para brincar, ou ia sair para missa, qualquer lugar que a gente ia, aí elas

passavam, ela e a Carmela, que morava mais para baixo e a Inês, aí assobiava, aí assobiava eu já sabia que era pra eu sair, porque minha casa era de esquina, aí a gente fazia toda a volta e tinha dois portões, um mais perto da esquina e um perto da casa da minha amiga.

Eu tinha uma área na curva da casa, que tinha um degrauzinho e um murinho bem baixinho, ali a gente brincava de fazer desfile, nossa era muito legal.

Carnaval a gente adorava aquelas xiringa, nossa a gente chamava de xiringa, sabe aquelas, não sei bem o nome, a gente chamava de xiringa, sabe aquelas bisnagas d'água, e tinha de um monte de tamanhos e tinha umas enormes, grandonas, e aí a gente se escondia no murinho e tinha o registro... aí, quando as pessoas passavam a gente ficava molhando as pessoas.

Nossa tinha um rapaz que morava mais para baixo de onde a gente morava e a gente tinha um 13, 14 anos e ele já era um cara mais velho tinha uns vinte e poucos anos, muito bonito e chamava Jurandir, e toda vez que ele passava a gente cantava aquela música, sabe? "Se você cair Jurandir..."

Fazia carnaval na rua, enfeitava a rua, tinha a rua Santo Onofre, que era uma travessa da minha rua, era muito legal, toda época de festa junina, assim mês de festa junina eles faziam festa na rua, era muito legal aí cada pessoa levava uma comida, tinha fogueira, era muito gostoso, a gente aproveitava muito na rua.

Hoje em dia não tem mais nada disso, hoje é muito mais difícil, as crianças não podem brincar na rua, andar de bicicleta, carrinho de rolimã, pular corda, tocar campainha e sair correndo, bate lata, a gente vivia com os joelhos tudo em carne viva, porque a gente caía, se ralava, até porque no começo não tinha asfalto, aí minha rua era asfaltada e tal, mas ruas em volta não tinha asfalto. Aí tinha uma ruazinha, que parecia uma vila, não era muito vila, ela também não era asfaltada. Depois foi começando a asfaltar tudo.

Lembro quando meu pai comprou o primeiro carro, aqueles tipos Chevrolet, preto com as faixas brancas na roda, nossa eu achava o máximo. Tanto é que eu gosto de carro antigo até hoje. Eu acho muito bonito, era aquele carrão.

Aí depois vieram os fusquinhas e aí eu lembro que a gente roubava aquelas brucutu, no capô que tinha e a gente fazia, colocava na corrente, fazia pingente. Na época saiu o Mug, se lembra disso, era um bonequinho, era da época do Wilson Simonal, era um bonequinho assim, eu lembro que eu tinha um chaveirinho, se você procurar

na internet você vai achar, acho que ele era vermelho xadrez com os bracinhos assim.

Nossa sabe o que eu lembrei agora, minha irmã uma vez comprou para colocar no carro do meu pai, tipo aquelas caveirinhas, sabe, que mexem o corpo inteiro, aquilo era muito legal também, e aqueles cachorrinhos que ficam mexendo a cabeça?! Uma barato você ficar lembrando essas coisas.

Que mais que tinha na época que eu adorava, tinha a caveirinha, brucutu, tinha o carro Gordini também que eu adorava, tinha o Karmam guia, esses carros, tudo dessa época... DKV, tinha um menino que a gente paquerava que tinha uma perua DKV, uma vez a gente saiu com ele nossa o máximo.

O pai do meu cunhado tinha uma que a gente chamava de zé do caixão, um como era, um não lembro, mas era muito bonitinho, tinha quatro portas, muito legal.

Lembro que tinha também o Lafer MP que era só os caras chiques que tinham, precisava ter muita grana para ter. Tinha aquele Simca chambord, Simca Jangada, o Maverick, nossa, só os boys que tinham.

Aí depois eu lembro já foi um pouco depois, eu acho que já tava na faculdade, o auge era na Praça Silvio Romero, eu morava pra baixo, então era, da paquera, na época eu já tinha carro tudo, com uma outra amiga minha Margarete, aí os meninos ficavam todos parados com os carros e a gente ficava dando volta, ficava dando volta, então ali era o auge da paquera era ali né?! Era bem legal, foi uma época bem gostosa.

Aí depois nessa época também já começaram a ter aqueles barzinhos ali da Henrique Schauman, que já eram barzinho tudo, também freqüentei bastante.

Que mais. Mais assim tipo que nem as meninas fala que iam pra baladas, aquelas, que tinham as baladas aqui famosas, assim eu nunca fui, porque meu pai sempre foi assim muito rígido, então eu não podia chegar assim de madrugada entendeu, sei lá ate poderia sabe mas eu respeitava muito, não queria arrumar confusão, eu preferia não entrar em atrito, então eu nunca fui de chegar de madrugada, essas coisas eu nunca fui.

Porque hoje em dia menina de 10, 12 anos, que ir para balada, com 15 anos já vai para balada. Antigamente não tinha nada disso, a gente era muito bobona também. Eram outros tempos, né?!

A gente não tinha muita malícia, não tinha muita informação, os pais antigamente, assim, cobravam mais, eram mais rígidos e você também, assim os filhos também obedeciam mais, a educação era outra né? Imagina que a gente respondia para um pai ou para uma mãe, chamava de você nada disso era senhor, senhora. O pai olhava você já, não se metia, não batia boca era outro tipo de coisa, né?!

Entrevistadora: E você acha que ter vivido a adolescência durante a ditadura fez alguma diferença ou não?

M.: Olha, eu nunca fui ligada, eu lembro que quando eu estudava na PUC, teve toda a coisa da invasão, mas nunca fui muito ligada com essas coisas de política, de ficar fazendo protesto, nunca fui disso, né? Então não sei se..

Nunca me fez nenhuma diferença, nem em hora de sair chegar, ou não poder passar em algum lugar, nada disso fez diferença para mim, não me lembro de ter afetado nesse ponto. Assim a gente ouvia muito por causa das músicas, que eram censuradas, às vezes você escuta o pessoal falando que às vezes tem um palavrãozinho e eles já cortavam tudo. Outro dia mesmo, eu vi uma entrevista com o Lima Duarte, falando de uma novela que eles iam fazer e a censura proibiu, acho que foi Roque Santeiro, que ia começar a passar e a censura vetou e teve que fazer outra coisa, então... Como as músicas dos festivais, Chico, Gilberto Gil, Caetano, essas assim, os Novos Baianos, a Baby Consuelo, o Pepeu Gomes, que foi quando eles começaram. Para mim, que eu me lembre nada que tenha assim atrapalhado, mas assim para essas pessoas que eram metidas em política, né, o pessoal da faculdade que era do centro acadêmico, essas coisas, né?!

Assim nunca conheci ninguém, nunca tive contato com ninguém desse tipo na época, que tenha sofrido esse tipo de coisa, a gente ouvia falar muito, mas nada que diretamente tinha me afetado.

A gente vai lembrando de muitas coisas, muitas músicas situações.

Eu lembro que conversa assim de namoro, de sexo, não tinha nada disso, né?! Até devia ter pais que eram mais abertos, eu também sempre fui mais assim quieta, e meu pai e minha mãe também não falavam muito disso, como eu também não a gente não comentava isso. A gente falava entre a gente, as fofocas sobre namoro, sobre menino, essas coisas mas nada de mais, que nem esse negócio de fumar, na época era o auge, né, todo mundo fumar, na minha faculdade fumava dentro da sala de aula. Eu lembro que a maioria das meninas que estudavam comigo fumavam,

mesmo os professores fumavam, eu lembro que eu tinha um professor de inglês e ele era inglês mesmo. Ele carregava os livros na sacola de feira e ele fumava caximbo. Bem inglês mesmo.

E as meninas maioria fumavam, aí a maioria das meninas fumavam e eu não fumavam, eu lembro que às vezes eu comprava cigarro, nunca traguei nada, mas era mais para tirar onde mesmo, sabe?! As meninas fumavam mesmo, então o que, que eu fazia, eram as carteiras de braço, né?! Então a gente comprava o maço de cigarros para fazer cola, aí pegava o maço de cigarros e às vezes tinha umas coisas chatas, tipo fonética essas coisas e a gente fazia a cola e colocava no plastiquinho de celofane do cigarro. Então fazia prova e o maço de cigarros lá. Então eu comprava às vezes, só para usar o maço.

Era bem legal, a gente fazia os trabalhos e como não tinha computador nem nada a gente ia muito em biblioteca. Sabe essa biblioteca aqui na Celso, nossa eu ia muito nessa biblioteca. A biblioteca da Faculdade também, eram bem legal. Aí tinha que copiar, né? Fazer tudo a mão, fazer os trabalhos. Eu gostava bastante de ir à biblioteca. Eu lia muito, agora tenho lido bem pouco, mas nossa eu lia muito, muito, muito. Às vezes eu chegava a ler um livro por semana e começava outro, mas agora...to relaxada. Deixa eu ver o que mais...

Nossa época de infância e adolescência foi muito legal, porque a gente brincava muito, e essas brincadeiras bobas, vamos dizer assim. Bambolê, pular corda, amarelinha, queimada.... aí uma época que tinha um menino que morava assim em frente de casa ele tinha aquelas redes de vôlei, a gente punha na rua, para jogar, agora não dá nem para ficar na calçada que você acaba sendo atropelado. Então era bem legal, bicicleta assim, na verdade eu nunca tive uma bicicleta, eu fui ter uma bicicleta um pouco antes de casar, que meu ex-marido, na época a gente namorava e ele comprou uma assim bem pequena, até hoje não sei o nome, mas eu sempre tive um pouco de medo. Patinete, carrinho de rolimã.

É muito bom recordar, né?! No domingo fui no MASP com a minha amiga e tem aquela feira, né?! Aí tinha não sei se você chegou a ver, tipo uns engradadinhos da coca-cola, nossa era muito legal! Na época que foi lançado ainda na minha adolescência, ou infância não sei. Eu lembro que eu tava no Auxiliadora e eles foram fazer propaganda, então a gente tomava grapete e tinha a musiquinha que a gente adorava cantar!

Nessa época quando chegava no final do ano, a gente sempre queria ter uma boneca nova, então no natal nossa a gente queria escolher qual boneca a gente ia ganhar. E a gente gostava de ter aqueles carrinhos de vime, sabe, de boneca, aí a gente colocava a boneca dentro e saía empurrando.

Eu lembro que uma vez minha mãe perguntou o que a gente queria de natal e aí eu queria uma boneca beijoca, aí tinha muitas, beijoca, amiguinha que era do tamanho da gente, elas eram enormes. Aí eu quis a beijoquinha. Aí eu tinha ganhado uma antes que chamava acho, bambina, que ela era bem gordinha, rechonchudinha e eu cismeí que eu queria fazer um vestido pra boneca, aí olha só, aí eu não quis comprar presente para mim, porque eu queria fazer um vestido para a boneca, aí minha mãe foi e comprou lesie, que era caro na época, era um lesie meio que colorido, aí fiz um vestido de alcinha com cetinzinho, com laço. E a gente brincava, adorava brincar assim de boneca, de casinha. Coisa que eu acho que hoje em dia nem tem mais, né?!

Eu aproveitei bastante, coisa que hoje eu tenho o que contar, né?! Agora hoje em dia o que essas crianças brincam?! Computador, vídeo game, não tem muita opção, aí joga bola, mas não é como antigamente porque aí joga bola na quadra do prédio, não como antigamente que era na rua.

Não tem essas coisas que a gente brincava, no carnaval era gosto que a gente aprontava muito, dava a volta no quarteirão tocando campainha e correndo. A gente aproveitou muito.

Tinha muita brincadeira de boneca, a gente também aprontava muito, aí meu amigo pegou um balde velho de alumínio que não tinha fundo aí ele amarrou e a gente brincava de bola ao cesto, né?! Basquete.

Nossa a gente aprontou muito naquele terreno. Essa minha amiga era muito engraçada e a mãe dela tá com 96 ou 98 anos, a dona Rosa. E assim a irmã dela já tinha seus 35 anos e ela tinha uns dez, doze anos. Então era uma boa diferença. E ela era da nossa idade, né, então a gente aprontava muito. E a dona Rosa, era meio italianada e chamava ela de ineiiiiiiii, cadê você, inei! E a Inês sempre foi muito engraçada, então ela falava, rose, que, que você quer, rose?

Uma vez a gente aprontou uma, a Inês cismou de comprar um depilatório, que chamava depilatório Aurora, gente, era um líquido, mas aquilo fedia, mas aquilo

fedia, aí a gente passou no terreno, se passava aquilo com o palito esperava secar e lavava.

Uma vez eu e minha amiga Gislene, a gente tava em são Vicente. O pai dela e a mãe dela tinham saído para ir ao mercado aí a gente cismou de passar aquilo, quando eles voltaram eles queriam matar a gente, aí aquilo empestou o apartamento, pior que ficou tudo umas falhas e empestou o apartamento e o irmão dela nossa queria matar a gente.

Aí logo depois o irmão dela comprou um carro, um fusquinha azul. Aí a Inês cismou um dia de tirar o carro da garagem sem o irmão dela sabe, logo que ela tirou a carta, aí ela tirou o carro aquilo foi e ela entrou com tudo numa árvore que tinha. O irmão dela queria matar ela. A gente só aprontava.

E um dia logo que eu tirei carta, eu fui na casa da Gislene pegar ela, aí minha rua era uma curva e eu tinha que entrar na outra rua para chegar na dela, aí assim que eu fiz a curva eu subi na guia, e nessa esquina dessa casa, morava o Luizinho que era gay, a mãe dele, e ela ficava na janela do banheiro de cima, espiando as meninas que já namoravam, ninguém via ela...ela ficava com a luz acesa!

E ela tava na calçada. Ela deu um pulo da calçada que nossa. Muito engraçado. Foi uma época gostosa viu?! Bem diferente de hoje em dia. De adolescência e criança de hoje em dia.

Sabe uma música que eu esqueci de comentar e era a “top of the tops” do bailinho era essa do Johnny Rivers “do you want to dance” e a outra “by the time i get to Phoenix”. Uma outra que causou furor e nos bailinhos era sensação e Je t’aime, do filme ultimo tango em Paris, principalmente porque foi proibida.

Aquele compacto duplo que falei do Classics IV, além de Stormy, tinha outras músicas que também fizeram muito sucesso, Spooky, Traces e mais uma que eu não lembro,

O LP que eu tinha do Chicago tinha músicas como Happy Man e IF you leave me now que ainda tocam ate hoje.

Bom vou parar de te encher com as minhas recordações juvenis. Risos. Gostei muito do nosso papo e de poder lembrar momentos felizes da minha vida. Não que tudo tenho sido rosas né?! Mas de modo geral tenho boas recordações...tempos bons que não voltam mais.

Duração 1 hora e 20 minutos.

Primeira entrevista

N, 50 anos

Entrevistadora: Depois de escutar estas músicas gostaria que você lembrasse como foi a sua adolescência. O que você gostava de fazer, como você se vestia, os lugares em que você ia e todas as coisas que você gostava de fazer.

N.:Hum...ahh sei lá lembro da minha adolescência ouvindo essas músicas, lembro bastante das roupas, que eram assim tava saindo na moda os jeans e a gente não tinha muito como comprar jeans, o único que a gente conhecia era us top e Lee, ai a gente ia lá na 25 de março e tinha um pessoal que ficava gritando lá, “ calça Lee, calça jeans, Us Top” e a gente subia numas lojinhas que eram em cima assim para conseguir comprar, ai eu consegui comprar uma calça US top, só. Era legal que ela fosse bem desbotada, na época era legal andar, era meio pós hippie assim, a gente queria andar meio largado assim, ai eu pegava a calça punha no tanque e esfregava com uma bucha nas duas pernas assim, e esfregava, esfregava ate sair a tinta, porque naquela época só tinha jeans escuro, jeans estonado com lavagens não tinha né?!

A gente queria ter um jeans velho já, tênis velho ai a gente ficava esfregando pra conseguir ficar da cor que a gente queria. Lembro disso lembro que eu gostava de usar roupa meio de hippie com penduricalhos, bolsa de couro pindurada, sandália de couro de feira de hippie. De roupa eu lembro mais ou menos isso. Nossos objetos de desejo eram essas coisas assim.

Fora isso eu lembro que tinha os festivais, que tinha assim coisas pra gente se divertir não era muitos a gente se juntava para ver os festivais eram muito legais ai a gente ficava torcendo, ai quando eu tava estudando era o comentário do dia seguinte, tinha o festival num dia no outro no colégio só se falava nisso, ai falavam de quem ia ganhar, gente ficava torcendo. Uns gostavam de uma música outros gostavam de outra e virava uma bagunça, todo mundo querendo que sua música ganhava. Ai tinha polemica, fora isso. deixa eu pensar mais o que me vem essas músicas, me vem também a ditadura, foi bem na época que eu tava adolescente, que veio o protesto contra a ditadura, o pessoal começou a se rebelar porque ate ali ninguém tinha coragem de enfrentar e pessoal começou a falar e o manifesto dos estudantes, nunca pude participar muito também não era muito envolvida, eu lembro que todo mundo queria que caísse o AI-5. Eu lembro quando caiu que foi com o

Figueiredo, que começou ter a abertura se falava muito nisso, abertura, abertura e isso tudo aconteceu tudo na mesma época dos festivais, foi quase uma seqüência. Lembro que nessa na época da minha adolescência abriu o primeiro Mc Donald's, e foi muito moderno porque aqui não tinha nenhum, nenhuma lanchonete daquele tipo. Ai todo mundo queria ir no Mc Donald's só tinha um lá na avenida dos bandeirantes, era muito longe para mim ir e eu queria muito ir mas eu só foi depois de bem depois porque era muito longe ai, todo mundo falava, falava e eu só ficava com a água na boca, de ir mal eu sabia que era essa droga. Que mais que eu lembro.

Eu lembro que foi na minha adolescência, quando a Elis Regina morreu, ouvindo a música dela agora eu lembrei, foi bem triste, foi num dia, eu tava trabalhando já no meu primeiro emprego e eu ouvi no rádio, tava falando da rebelião que tava tendo no Carandiru e parou o metro só falava aquilo no rádio, tava tendo tiroteio e ai eles pararam o metrô e não podia passar nem o metrô e no meio disso tudo, veio uma notícia extra na hora eu ate achei que ia falar mais do Carandiru e veio a notícia que a Elis Regina tinha sido encontrada morta, foi no dia 19 de janeiro, eu lembro bem do dia, não lembro o ano mas acho que foi mais ou menos em 80 por ai.

Sabe o que eu lembro uma coisa que ficou muito marcado na adolescência foi os filmes, o cinema, que foi tipo o exorcista e eu não pude assistir porque eu era menor e tinha que ter idade e todo mundo só falava nesse filme, nesse filem e eu queria muito ir mas, não consegui ir porque só podia se fosse maior de dezoito. Outro filme que eu fui que falava muito, da onda do cinema catástrofe, foi o terremoto, Inferno na Torre, o Tubarão, esses eu fui assistir, nossa o Tubarão não se falava outra coisa, todo mundo tinha que ter ido assistir esse filme porque só se falava nisso, o Tubarão.

Que mais que eu me lembro...

Ahh não consigo lembrar de mais muita coisa, mais essas coisas que foram mais marcantes assim.

Ai depois veio o Dancing Days, ai teve a musica das frenéticas, lembrei bastante. Eu via as meninas vestirem a roupa igual da novela, era bem legal. Usava sandália com meia e tudo mais, e as pessoas queriam ir para as discotecas e dançar a música e tudo mais.

Acho que foi o maior modismo de novela que já teve, porque todo mundo essa roupa, pelo menos os adolescentes, que eu me lembre.

Me lembro que nessa época eu fazia curso de datilografia, era muito importante eu fiz acho que 6 meses de curso de datilografia e depois tinha uma prova quantos toques por minuto e quantos erros, dependendo você passava, dependendo você não passava. Ai você tinha que ficar na média, e ai a média era duzentos toques por minutos, todo mundo fazia curso de datilografia, era tipo obrigatório, tipo o inglês agora.

Ahh não tinha celular, não tinha nem telefone em casa, tudo era mais difícil e a gente convivia com isso tranquilamente e não tinha problema, eu saía para estudar longe e ninguém sabia onde eu tava, desde cedo eu fui estudar longe e pegava trem ia pro centro da cidade, as mães não se preocupavam muito na época, era mais tranquilo. Não se pensava muito nessas coisas de violência, de assalto, não tinha muito essa preocupação. As mães deixavam os filhos saírem facilmente não se preocupavam com essas coisas.

Na televisão eu lembro dos comerciais que tinha historinha começou com comercial de cigarro, ai tocava uma música, passava como se fosse uma historinha meio assim, um tema e todo mundo curti os jingles dos comerciais cantava, ai todo mundo ficava esperando para assistir os comerciais porque era uma atração era legal isso na televisão

Eu lembro quando a televisão, deixou de ser preto e branco, a primeira novela que passou colorida era estúpido cupido, da Globo, só tinha essa novela colorida o resto era tudo preto e branco ainda. E aos pouco a programação foi passando para colorido. Mas na primeira eu lembro bem que foi estúpido cupido.

Que mais....eu lembro também, que a gente não saía muito a adolescência era mais com a família, não tinha muitas opções de lazer, a gente estudava e o final de semana a gente ficava em casa não saía, pelo menos eu não, não saía para as baladas, eu ficava mais em casa, a não ser quando tinha um acontecimento, um filme no cinema que todo mundo ia, ai a gente ia, mais no geral não saía como agora, não tinha shopping, a gente fazia compra em loja de rua, não existia shopping.

O primeiro que eu fui na vida, era o shopping center da Lapa era pequeno, bem pequeno, ahh eu lembro que eles construíram nessa época o Shopping Center

Ibirapuera, nossa todo mundo falava. Eu nunca fui no Ibirapuera, fui conhecer o Ibirapuera depois de velho, e todo mundo só falava que era o shopping, mas eu não cheguei a ir na minha adolescência.

Que mais.....acho que é mais ou menos isso...

Ahh eu tinha os amigos da época de adolescência de colégio né?! Do Liceu, que eu fazia Liceu de Artes e Ofícios, mas assim meus amigos eram muito só da escola e como eu morava muito longe era difícil se reunir fora do colégio, então a amizade era sempre só na escola enquanto tava na escola, não tinha muito convívio fora da escola não.

Ai logo depois eu tava ainda no colégio, já comecei a namorar mais sério e não fiz mais muitas amizades.

Ahh viver a adolescência nessa época era bem gostoso a gente vivia mais leve não tinha muita preocupação, eu vejo os jovens hoje são muito preocupados com a violência, sempre, ahh precisa preocupar com isso, com aquilo. Porque não pode sair com tênis, não pode sair com celular. A gente não pensava em nada disso a minha adolescência foi bem tranqüila não tive contato com quem consumia droga, nem me preocupava com isso, nem sabia direito o que era. Também não me envolvi com essas coisas, a gente não tinha muito acesso eram coisas muito mais distantes. E agente se preocupava mais em se divertir assim da forma que dava. Em casa, ouvi musica, ver televisão que na época também era um dos poucos prazeres que a gente tinha mesmo adolescente a gente ainda brincava muito na rua, jogava vôlei, jogava queimada. E isso é uma coisa que eu fiquei fazendo ate bem mais velho....ate começar a namorar, assim tinha turma de jogar vôlei de jogar queimada na rua.

Ah eu lembro que na minha adolescência eu gostava muito de dançar sempre gostei, ai onde a gente morava tinha a domingueira do Piritubão, eu era maluca para ir e meus pais não deixavam ai todas as minhas amigas iam e eu não podia ir. Elas iam todo domingo e vinham contando e tal, até que um dia eu consegui ir, uma vez só minha mãe deixou eu ir. Aquilo pra mim foi o Máximo, meu Deus fui numa domingueira eu não fazia idéia do que era aquilo. Tudo era novidade, tinha as luzes, o globo, a música alta, não tava acostumada com isso e ai depois disso eu fiquei maluco eu falava sempre que eu queria muito ir e acabei nem podendo ir muito. Fui agora de velho, mas naquela época eu gostava de ir para dançar, meu amigos iam

para ver as meninas e tal mais eu gostava mesmo de dançar. Mas nunca tive muitas oportunidades ai as vezes tinha um bailinho ou outra nas casas das pessoas, porque antigamente tinha esse costume de fazer na casa das pessoas, ai tinha aniversário de alguém , ao invés de fazer festa fazia bailinho na garagem, não fui em muitos, meus pais não deixavam muito, mas um ou outro que eu fui são coisas que eu me lembro bem e que eu gostava bastante.

Ah eu me lembro também que na minha adolescência, bem minha adolescência saiu o filme do John Travolta, "Os embalos de sábado a noite, e como era de dança nossa eu fiquei doido, eu fui assistir e a gente treinava os passinhos para imitar, porque as meninas queriam que a gente soubesse dançar iguala para dançar junto. Todo mundo queria fazer igual a eu queria muito ir no baile porque todo mundo fazia, porque era a maior onda da época. Ai logo depois, eles aproveitaram o sucesso e saiu outro do John Travolta, o Grease, no tempo da brilhantina.

Ai todo mundo imitava os passinhos, ia assistir o filme trezentas vezes no cinema para poder aprender os passinhos, lembro que as amigas das minhas irmãs ficavam com elas em casa fazendo e dançando eu sempre de olho para não fazer feio quando tivesse que dançar.

Era uma febre também todo mundo se vestia igual e isso acho que não mudou muito, os adolescentes sempre tem que imitar alguém tem que fazer igual. Tem uma cara que tem um estilo que eles acham legal eles fazem tudo igual. Não vê essa moda de Neymar, tudo que é muleque fazendo cabelo igual, boné igual. Cabeça de adolescente....

Que mais que eu possa me lembrar

Ai eu lembro sabe do que tinha um programa na TV cultura que chamava pop show, TV pop show que passava alguns cantores internacionais. Ai foi quando eu fiquei conhecendo o Peter Framptom, porque a gente ouvia no radio mas eu nunca tinha visto, ai assisti nesse programa nossa fiquei alucinado. Fiquei fã mesmo dele, porque ele era muito bom, ainda é né?! Comprava os discos e tinha todos, cantava as musicas sem saber o que significava as músicas, porque eu não sabia falar inglês, mas seguia as letras.

Ahhh sabe o que eu lembro também do Tomy, do filme Tomy, que foi um filme bem polêmico assim na época, que era um filme, o ator principal era o Roger Daltrey era sobre um cara que jogava pinball, jogava vídeo game, era um filme todo maluco

muito fora dos padrões de filme que se assistia na época, a gente achava o máximo aquele filme, ele era todo doido. Não tinha um nexo, tinha umas cenas bizarras do cara vomitando em cima do vidro do pinball umas cenas assim, se procurar é um clássico, se procurar ai em sites de filme, você vai ver que é um filme bem famoso. Ai tinha o disco, e ai começou junto minha época mais rebelde de gostar mais de rock, ai todo mundo gostava de Led Zeppelin, AC DC, Kiss, Black Sabbath, então foi uma época assim que eu comecei a entrar nessa onda de rock, mas na verdade assim acho que nunca foi a minha essência, eu não gostava, era mais porque todo mundo gostava, os amigos curtiam então era legal a gente gostar também, não que eu odiasse, eu gostava de algumas coisas mas, na verdade não era bem aquilo que eu gostava mais. Acho que eu gostava de ouvir MPB, outros tipos de musica que acho que é o que fica até hoje eu ainda gosto.

E o rock foi uma passagem, assim de rebeldia na minha vida. Risos.

Hummmmm não to conseguindo lembrar de mais nada na minha cabeça no momento.

Gostava também dos seriados tinha a Andrea Beltrão, o Kadu Moliterno, e o Andre d Biase, como era o nome? Era bem legal

Lembro também que poucas pessoas as ainda tinham algumas pessoas que ficavam de luto, lembro quando minha vó morreu minha mãe ficou de luto. E ela só tinha um vestido roxo ela ficou uma semana usando o vestido.

Lembro que as mulheres não usavam calça comprida, só usavam saia, ai a teve uma vez a minha mãe comprou uma calça comprida e colocou para ficar em casa porque tava muito frio e eu achei muitooooo legal, minha mãe usando calça comprida. Outra coisa que era muita moda era skate e surf, eu não tinha muito acesso mas eu só via nas revistas, tinha uma revista que eu lia sempre, nossa não lembro o nome, eu ficava lendo aquela revista para aprender as gírias da época, falar a linguagem de surfista era o máximo saber o que era, a gente ficava lendo isso para saber o que era mas a gente nem sabia o que significava direito. Os outros adolescentes podiam ate saber o que era isso mas, a gente nossa, a gente queria saber para ficar por dentro.

Acho que é isso! Nossa falei muito, quase nunca paro pra lembrar dessa época em que eu era adolescente faz tanto tempo já!

Duração: 1 hora.

Segunda entrevista

N, 50 anos

Entrevistadora: Desta vez eu gostaria que você fizesse como dá primeira vez e deixasse que as suas lembranças venham a tona, lembrando como foi viver adolescência nessa época.

N.: Então sabe eu lembrei que a gente assistia muito o Chacrinha de sábado, as vezes passava de domingo, depois foi mudando, ele dava troféu abacaxi, todos os cantores queriam ir lá, principalmente os da jovem guarda, ele dava o troféu abacaxi e todo mundo gostava de ver o Chacrinha com as chacretes principalmente, elas usavam aquele maio e dançavam, nossa era muito legal.

Lembro das misses, tinha muito concurso de miss e a gente assistia, porque elas eram muito concorridas, todo mundo parava para assistir o concurso de miss, as mulheres queriam copiar os cabelos, fazer vestido igual. A gente queria mesmo ver elas desfilando, ver o desfile de maio porque elas eram as mais bonitas da época.

Lembro que eu ficava muito tempo na frente da TV, tinha um cara o Carlos Imperial ele era muito criticado, todo mundo falava mal dele, ele era polêmico e fazia umas músicas malucas. Tinha também o Flávio Cavalcante ele era muito maluco, ele tinha um programa na TV que ele colocava a música para tocar e ai ela quebrava os discos, saber os discões de LP, então ele quebrava tudo.

Lembro também quando começaram a existir os orelhões sabe. O orelhão foi uma coisa bem legal, porque ninguém tinha telefone aquela época e ai assim quando apareceu o orelhão, ficava tudo mais fácil, a gente dava o número do orelhão para as pessoas que queriam falar com a gente. Então os vizinhos atendiam e chamavam a gente essas coisas sabe era muito engraçado. E olha os orelhões naquela época eram com ficha, então comprava a ficha de telefone separada ou aquelas, não se fala cartela, ai não sei bem como era o nome, mas elas vinham dentro de um papel e a gente ia tirando e usando.

A copa do mundo do México eu me lembro bem eu era bem novo, eu tinha uns 8 para 9 anos e o Brasil ganhou. Nossa todo mundo parava também, e não tinha tanta televisão quanto tem hoje então as pessoas escutavam no radinho de pilha, Sabe?! Era loucura igual é hoje sabe, mais com menos violência e mais irmandade, a gente se reunia ou pra ver ou pra ouvir o jogo e ai saia pra rua pra comemorar para cantar

e tudo mais, foi muito bom o Brasil ter ganhado essa copa, deixou um pouco de lado as coisas que apareciam sobre a ditadura.

Eu lembro também que tinha muitos seriados foi uma época que tinham os americanos e os brasileiros tinha o Swat, Starsky e Hutch, Família Do, Ré Mi, tinha o vigilante rodoviário.

Humm acho que é isso sabe, acho que não tive muitas coisas assim essas lembranças são as que eu tenho. Se lembrar de mais coisa eu te aviso.

Mas acho que é isso.

Duração: 40 minutos.

Primeira entrevista

A, 17 anos

Entrevistadora: Depois de escutar estas músicas gostaria que você me contasse o que você gosta de fazer. O que faz como você aproveita seu tempo? Como você acha que é ser adolescente?

A.: ahhh nossa que coisa difícil! Ahh eu gosto de sair com as minhas amigas, eu amo dançar então adoro sair para dançar qualquer lugar para mim ta bom se eu puder dançar. Sabe essas musicas que você colocou eu gosto de várias, mas também tem, alguns estilos que eu gosto que você não colocou.

É que sabe eu fui mudando muito de idéia durante o tempo! Eu já gostei muito de rock ai só escutava isso e mais nada, ai depois eu mudei de idéia de novo e sabe acho bom mudar de idéia sempre.

Ultimamente não tenho muito tempo, porque Sabe, eu já acordo pensando na escola, no vestibular. Aff nem quero muito falar disso porque sabe vestibular é muita responsabilidade, todo mundo quer que eu decida logo o que eu quero fazer na faculdade e o que eu vou fazer depois, eu nem sei se eu vou passar de ano e já tenho que ficar pensando nisso sabe?! E o pior de tudo é que meus primos são muitooooo inteligentes, nossa eles todos entraram na faculdade direto da escola, sabe sem fazer cursinho e talz e meu fico muito pensando se eu vou precisar de cursinho e se eu precisar já sei que meu pai vai achar que eu não sou tão inteligente como meus primos essas coisas sabe?! Porque eu acho que hoje assim a pressão em cima da gente é muito grande. Logo agora quando eu comecei a aproveitar a vida, poder sair de casa sozinha e ir pras baladas, ficar até tarde fora de casa e tudo mais eu tenho que me preocupar se eu vou ter dinheiro para viver com a profissão que eu escolher. Muita coisa ao mesmo tempo!

Ai me inscrevi num programa de jovem cidadão sabe?! Para começar a trabalhar porque acho importante já ter trabalhado em qualquer coisa que seja, independente do que eu for fazer, eu já vou ter uma experiência. E quero também ter meu dinheiro, poder sair sem pedir dinheiro para minha mãe ia ser bom. Ai me chamaram e eu comecei a trabalhar, trabalho no metrô como ajudante sabe, já mudei de estação um monte de vezes, mas ta ótimo! Eu fico cansada sabe, ai vou pra escola à noite. Tem dia que eu não tenho vontade de fazer nada. Ai depois fico com peso

na consciência porque não estudei, ou porque não fiz algo que tinha pra fazer e fui adiando sabe?!

Nossa tudo isso que eu to falando faz sentido sobre o que você me perguntou no começo?!

Ahh você perguntou como eu acho que é ser adolescente né?! Então eu acho que é muito bom! Ainda não tenho todas as responsabilidades da minha mãe de cuidar de tudo em casa, cuidar do meu pai, dos meus irmãos e tudo mais...então posso aproveitar, na verdade eu acho que é agora que a gente faz mais besteira na vida né?!

E tem meus amigos, nossa não sei viver sem eles, eles sabem exatamente como eu me sinto, se eu faço alguma cagada eles me entendem, me ajudam a resolver as coisas erradas, me dão apoio sabendo exatamente o que eu to sentindo. Fiquei um tempo assim sem saber direito porque isso acontecia exatamente, na verdade ainda não entendi muito! Porque sabe antes parece que eu não era assim, eu acho que eu preferia conversar mais com a minha mãe talz, mas agora parece que a gente não se entende direito! Acho que é fase! Risos!

Tudo muda né?! Antes eu ficava horas brincando de boneca e criava umas historias muito malucas e achava tudo super normal. Agora eu vejo as crianças pequenas brincando e fico pensando como eu conseguia fazer essas histórias, como eu pensava em tudo aquilo. Tem dias que eu não consigo nem colocar título nas redações que eu faço. Risos!

Outra coisa que eu acho que é da adolescência é essa coisa de namorar, começar a pensar nisso e tudo mais! Quando eu comecei a pensar nisso parecia longe assim! E ai quando eu comecei ficar com o J. eu não fazia idéia do que ia dar, mas meninas é um problema né?! Porque já acha que pode ser que comece a namorar, ai vai se envolvendo e criando umas fantasias e tudo mais! É muito louco como isso cresce na vida da gente, assim como fica importante. Ai comecei a namorar com ele e fiquei pensando em como eu ia falar pro meu pai. Porque nessa hora a gente sempre pensa no pai e na super bronca que vai vir e nas coisas que ele vai falar. Ai a gente vê na TV o pai tipo bravão, fazendo interrogatório colocando o menino numa situação constrangedora e a gente morrendo de vergonha! Imaginava que ia ser desse jeito! Ai, contei pro meu pai e no outro dia ele foi lá em casa, o J.! Ai meu pai cumprimentou ele como se fosse super amigo e começou a conversar calma e

tranquilamente e eu nervosa achando que ia ser o fim do mundo! Tudo mentira!

Risos!

Ta bom?! Porque acho que eu nem tenho mais muito o que contar! Risos! Falei de tudo eu acho!

Duração: 50 minutos.

Segunda entrevista

A, 17 anos

Entrevistadora: Desta vez eu gostaria que você fizesse como dá primeira vez e me contasse como você acha que é viver adolescência hoje. E tudo mais que você quiser falar.

A.: Ai vou te falar a verdade, não lembro muito o que eu falei para você da outra vez. Porque eu sai falando e não me lembro de tudo.

Aquele dia depois que eu conversei com você fiquei pensando o que mais da minha adolescência eu tinha para contar. Porque como eu ainda me acho adolescente, apesar de trabalhar lá no metrô eu não tenho muitas responsabilidades e tal, depois do trabalho dá tempo de vir para casa, tomar banho comer, dar uma descansar um pouco e ir para escola ai depois meu pai vai me buscar. Mas tem um monte de gente que eu conheço que não tem essa facilidade, sai da escola tem que voltar para casa de metro ou de ônibus e ainda andar para caramba e talz.

Eu tenho sorte do meu pai ir me buscar e da gente poder ter carro e todas as coisas. Ahh eu não tenho muito do que reclamar! Na verdade acho que o que mais me incomoda é essa coisa de ladrão, de tudo que a gente tem a gente ter que andar prestando atenção em todo mundo que tá perto de você sabe, de comprar um tênis novo e ter que esperar quando eu for sair de carro porque no trem eu fico com medo de alguém resolver roubar. Ah sei lá! Acho que fiquei com mais medo, depois que um dia a gente tava se arrumando para sair e um cara tentar roubar o carro do meu pai enquanto ele saia da garagem. E eu e minha mãe escutando tudo lá de casa, ai sai correndo pro fundo de casa e liguei pra policia, mas eles saíram correndo e quando a policia chegou eles já estavam longe. Graça a Deus não roubaram o carro, nem fizeram nada com o meu pai!

Mas ai a gente fica com medo sempre né?! Começa a ficar meio desconfiado, pensando mais nessas coisas.

Acho que eu comecei a pensar mais nessa coisa de adolescente porque eu fui mudando de idéia, fui mudando de opinião sobre um monte de coisa. Acho que uma coisa que me ajudou muito também foi os livros, quando eu ficava muito sem saber o que fazer, começava a ler um livro novo, para poder conhecer várias outras culturas e tudo mais.

Ai fui aprendendo um monte de coisas novas, sabendo de um monte de coisas que eu nem imaginava conhecer porque a gente conhece aquilo que mostram e que deixam a gente conhecer, então enquanto me deixaram eu fui lendo. Ainda me deixam né?! Risos. Sabe a mesma coisa acontece quando a gente entra numa balada pela primeira vez, ou vai num show.... Nossa eu fiquei me sentindo a pessoa mais adulta e mais legal do mundo. É como se você conhecesse um mundo novo, cheio de coisas que você ainda não sabe ou não conhece.

Além disso, a internet e o computador varias vezes foram amigos sabe?! Fui conhecer um monte de gente que também passa pela mesma situação que eu, assim não é bem situação, mas é meio pensar como eu penso, entender as coisas que eu sinto e tudo mais. Sabe, além disso, acho que foi um bom jeito de conhecer mais músicas, muitos estilos diferentes e tudo mais. Eu podia baixar musica de todos os lugares do mundo. Conheci muita coisa.

E também na internet a gente também pode conhecer muitas coisas diferentes, conheci um monte de programas, sei mexer em um monte de coisas que eu não sabia ai também quando eu queria ficar quetinha e só escrever sobre o porquê disso ai sentava no computador e depois postava num blog que eu tinha. Nossa nem sei o que eu fiz com ele, depois acho que ai o computador virou assim mais para pesquisar as coisas, saber dos vestibulares e tudo mais sobre isso.

Nossa essa coisa do vestibular é muito louca né?! Eu fico entrando em um monte de site de faculdade, de cursinho e tudo mais. E ai fico vendo o pessoal se matando de estudar, um monte de gente falando de fazer cursinho agora do meio do ano pra frente e eu não sei muito bem o que fazer, acho que eu só vou começar a me preocupar com isso quando eu for fazer a inscrição do vestibular. Porque até agora ainda nem decidi direito o que eu quero fazer, já pensei em um monte e coisa já li milhões de definições de curso e ainda to em dúvida sabe, bom resumindo já escutei muita coisa e não sei direito o que fazer.

Acho que eu to tão preocupada com isso que mesmo quando não to falando nem pensando nisso, eu to pensando nisso. Será que isso rola isso mesmo?

Conversando com o pessoal lá na escola eu vejo que todo mundo também ta meio assim, mas também tem tanta gente que já sabe o que quer, que já tem tanta certeza que nossa nem sei muito o que fazer.

Então eu gosto muito de sair, de poder, sabe acho que enquanto a gente não tem filho, não tem marido essas coisas. Porque eu vejo bem minha mãe, me teve muito nova e não pode aproveitar muito essa parte da vida. Não que eu ache que não pode aproveitar agora, mas acho que quando a gente é mais novo é mais fácil.

Nossa não sei se eu pude te ajudar muito, mas acho que é isso que eu tenho para contar. Acho que contei bastante como é minha vida. Acho que é mais ou menos assim que é minha adolescência.

Duração: 50 minutos

Primeira entrevista

D, 18 anos

Entrevistadora: Depois de escutar estas músicas gostaria que você me contasse o que você gosta de fazer. O que faz como você aproveita seu tempo? Como você acha que é ser adolescente?

D.: Bom não sei muito o que eu vou te contar. Porque sei lá... Meio estranho falar da gente, assim né?! Ahh sei lá acho que eu comecei a me tocar desse negocio de adolescente quando eu larguei um pouco os bonequinhos sabe?! Tipo Power Rangers, Max Steel sabe?!

Então eu meio que comecei a ficar de saco cheio de brincar com eles, ai comecei a passar mais tempo no computador e tal. Mas sabe acho que ficou tudo meio embaralhado porque como meu irmão é mais velho que eu e eu já passava um tempo com ele e com os amigos dele. Ai foi assim... Fui acostumando com essa idéia de namorada, de mulher, porque eles ficavam falando disso e tal.

Mas acho que eu percebi que tinha alguma coisa mudando mesmo quando eu comecei a perceber as meninas de um jeito diferente, eu acho que eu tava com uns 12, 13 anos....nem sei direito. Ai sabe você começa a olha, ai pensa, ai tinha uma menina que estudava comigo, nossa ela era muito bonita e por acaso ela foi morar no prédio que eu moro e ai eu lembro que uma vez no final do ano, a gente fazia aquela coisa de assinar camiseta para guardar de recordação e tudo mais, ai ela escreveu o telefone dela na minha camiseta. Nossa achei aquilo muito bom e ai fiquei contando para todo mundo e tal. Ai logo depois disso ela tava na garupa da moto de um amigo dela e eles sofreram acidente e ela caiu. Ela ficou no hospital um tempão e a gente só tinha noticia pela mãe e pelas irmãs dela. Quando ela voltou para casa e às vezes descia para sair um pouco de casa mais ela ainda tava com aquela gaiola na perna sabe? Aqueles ferros que coloca quando quebra muito feio a perna sabe? Nossa fiquei mal por ela, ela perdeu o começo das aulas e tudo mais. Acho que ela foi a primeira menina que eu gostei mesmo, porque além de ser linda e tudo mais ela era muito legal e foi muito legal comigo todas as vezes que a gente foi visitar ela.

Ahh eu lembro também que eu me achava o jogar de futebol, nossa eu descia para jogar bola, nossa ficava tentando fazer vários dribles, varias frescurinhas. Não que agora eu não seja boleiro, mas agora sou boleiro de final de semana só.

Nessa época eu lembro também que eu era bem gordinho, risos. Mas assim eu era gordinho mesmo, não dava nem pra ver meu pescoço direito. Ai nossa nunca vou esquecer, por causa da minha gordisse eu cheguei em casa e resolvi que eu ia fritar nuggets para comer. Beleza ai esquentei o óleo e tal e fui colocar na panela, manooo, você tinha que ver. Eu bati a mão no cabo da panela e ela virou no meu braço. Doeu de mais, comecei a gritar e chorar, chamando a minha mãe, porque por mais homem que a gente seja nessas horas só a mãe para salvar. Ai nossa fiquei um monte de dia com uma bolha monstruosa no braço, cheia de água sabe, nossa ela muito grande! Ai todo dia na hora de tomar banho era muito desespero aquela merda doía de mais. Mas beleza ai junto com isso comecei a mudança. Fiquei sem querer comer direito porque parecia que tudo que eu fazia doía de mais. Fui emagrecendo muito.

Ai resolvi, que ia continuar magro, já acho que era essa pegada de vaidade, de querer que as meninas e as pessoas me olhassem sem ser o gordinho, mas assim foi devagar, fui melhorando, ai comecei a jogar mais bola, fazer mais exercício. Ai a gente vai crescendo e vai melhorando né?! Risos!

Depois acho que quando eu comecei a estudar no Zuleika, lá na Pompéia sabe, ai era mais longe de casa, ai foi quando eu achei mesmo que eu tava ficando mais velho. Saia todo dia para ir pra escola, ai ficava por lá ia pro shopping, jogava bola, treinava com o pessoal. Sabe uma coisa que eu fiquei puto sabe foi quando roubaram meu celular quando eu tava voltando pra casa. Depois eu fiz vários amigos na escola e assim eu acabei ano passado, mas a gente não deixou de se falar. Continua se trombando, pra sair, pra jogar uma bola de final de semana. A gente é parceiro mesmo. E acho que vai ser parceiro sempre.

Ah eu curto muito sair com eles, sabe quando você tem aqueles amigos que você gosta de sair sempre, na verdade de final de semana eu quase não fico em casa. Nem que a gente só se reúna na casa de alguém para fazer uma bagunça, ou jogar vídeo game. Mas a gente ta sempre junto.

Nossa música também! Gosto muito de música, curto de tudo sabe, tenho escutado muito Forfun, Projota e um pagodinho.

Acho que é isso! Conteí umas coisas que poucas pessoas sabem hein?! É isso ai! Acho que conteí tudo que eu me lembro.

Duração: 45 minutos.

Segunda entrevista

D, 18 anos

Entrevistadora: Desta vez eu gostaria que você fizesse como dá primeira vez e me contasse como você acha que é viver adolescência hoje. E tudo mais que você quiser falar.

D.: Sabe aquele dia falei um monte de coisas, aí fiquei pensando o que mais eu podia falar quando a gente se encontrasse de novo. Porque eu não sei muito bem o que contar, o que eu contei antes serviu? Risos

Sabe eu curto ficar no PC também, gosto de jogar D&D, com o pessoal na internet, sabe esses jogos em que a gente joga on line com um monte de gente, então jogo com vários amigos meus, sabe durante a semana e as vezes no final de semana quando to em casa, a gente fica conversando e jogando muito tempo. O mais famoso é o warcraft sabe? Então gosto de jogar um tipo esse.

Então logo que eu fiz dezoito, todo mundo me perguntando o que eu ia fazer da vida e tal, e eu já tinha começado a trabalhar então tava assim nessa vida, trabalhando e aí assim que deu quis ir tirar carta. Porque muleque, a primeira coisa que a gente quer fazer quando faz dezoito é aprender a dirigir, porque não saber dirigir é osso né?! Aí agora eu resolvi sair do trabalho que eu tava, sabe lá tava muito ruim, tudo bem que ficou tudo meio apertado aqui em casa, mas eu vou achar outro logo.

Aí fui aprender a dirigir e eu curto muito sair de balada, acho que eu falei isso né? Mas então aí quando eu comecei a poder entrar em todas as baladas sem me preocupar de alguém pedir meu RG e eu ficar de fora da balada com todos os meus amigos dentro.

Ah então aí sabe quando eu saio sempre gosto de tomar uma cervejinha, e aí dessas historias sempre saem umas coisas muito engraçadas. Sempre tem umas besteiras, alguém que faz umas graças. Aquele amigo que fica bêbado e se sente o cara mais engraçado do mundo e ninguém vê graça. Esse tipo de coisa sabe e aí numa dessas vezes eu sai e perdi meu RG. Putz,foi muito ruim, porque naquela semana eu ia fazer a matricula na faculdade, vou fazer engenharia. Mas aí sem RG para juntar com os outros documentos não pude. Aí vou ter que esperar até o meio do ano para poder começar.

Muito louco isso de faculdade, sabe? Fiquei um tempão sem saber o que fazer, aí quando falei pro meu irmão que queria fazer educação física ele quase me matou. Porque assim acho que pensei em educação física porque gosto de ir para academia e talz, ficar bonito, malhado e tal. E aí acho que pensei que fazer a faculdade de educação física ia ser bom. Mas aí mudei de idéia e resolvi ir fazer engenharia.

Eu acho que a adolescência é poder aproveitar a vida, por isso que eu faço tudo que dá, aproveito tudo que eu posso fazer e vou fazendo assim, entendo quando minha mãe me liga que tá preocupada porque eu tô na rua até de madrugada e tudo mais, porque hoje em dia tá complicado, toda hora no jornal é assalto, é gente que morreu, é difícil né? Sei que as vezes eu dou uma exagerada e tal, mas é só nessa época que eu vou poder fazer isso porque depois, já era aí vou ser pai de família, ter que trabalhar pra pagar as contas e aí já viu. Não vai dar para fazer mais nada disso.

Outra coisa que eu gosto muito é de ir pro estádio ver meu time jogar! A eu sou Corinthians então já viu né?! Lembro a primeira vez que eu fui no estádio, aquela galera toda cantando junto, todo mundo empurrando o time, querendo ver gol. Da a maior emoção!!! Tirando que quando chega lá você grita o quanto quer, xinga todo mundo e fica tudo certo ninguém te irrita ou fica pedindo pra você falar mais baixo...essas coisas que minha mãe faz.

Sabe que eu sinto falta as vezes do meu vô sabe? Ele era corintiano fanático, ficava muito bravo quando o Corinthians perdia, sabe de quebrar rádio e tudo, que dizer isso eu nunca vi ele fazer mas minha mãe sempre conta. E aí quando ele morreu eu era pequeno até, mas fiquei triste.

Depois quando eu comecei a ficar mais fanático eu nem tinha com quem conversar, na verdade eu tenho, mas queria conversar com ele.

Acho que eu só vou saber mesmo como foi a minha adolescência quando eu ficar mais velho e já estiver pensando em como vai ser minha vida, quando eu quiser ter uma casa e pensar em todas essas coisas sabe? Por enquanto acho que vou ser adolescente até sair da casa da minha mãe. Risos.

Agora deixa eu te fala uma coisa, essas músicas aí que você escolheu só música que eu curto hein? Pra mim só ficou faltando Forfun!!! Da próxima vez não esquece de colocar pelo menos mais uma música deles hein?! Risos.

Acho que é isso aí! Nem tenho muito para contar porque tem umas histórias que é melhor deixar de lado sabe? Risos.

Mas valeu?

Duração: 40 min.